

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

GISLAINE FRANÇA CHIRELLI

PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Psicopedagogia

São Paulo

2016

GISLAINE FRANÇA CHIRELLI

PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Este trabalho foi apresentado como monografia de conclusão do curso de Psicopedagogia sob a orientação da professora mestra Marlene Coelho Alexandroff.

Psicopedagogia

São Paulo

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram nessa jornada de estudo para meu progresso. Todo ele foi construído com o propósito de ajudar crianças na trilha do conhecimento, apoiando-os em suas dificuldades ou problemas de aprendizado.

Agradeço a Deus a oportunidade de evoluir diariamente passando por situações que promovam meu aprendizado.

Agradeço a minha família que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, cobrando responsabilidades e exigindo de mim sempre o meu melhor e não permitindo que eu jamais desistisse.

Agradeço aos professores por toda dedicação e ensinamentos que contribuíram para a minha formação profissional, sempre com muita ética e respeito. Dando seus melhores para promover meu processo.

Agradeço em especial a minha orientadora Marlene Coelho Alexandroff que sempre me tratou com muito carinho, me ajudando e me orientando no caminho certo para a realização deste estudo.

Enfim, agradeço a toda a equipe de profissionais do Instituto Sedes Sapientiae que trabalham com dedicação e afinho para auxiliar alunos ao encontro da luz do conhecimento e promovendo trabalhos sociais que são de grande valia aos seus assistidos.

RESUMO

A psicopedagogia é uma área de estudo que se utiliza de muitos saberes para compreender como se dá o processo de aprendizagem nos indivíduos, podendo atuar na vertente preventiva ou na interventiva. Essa flexibilidade em sua atuação lhe permite aplicar seu trabalho em diversos lugares desenvolvendo tanto a Psicopedagogia Clínica e/ou a Psicopedagogia Institucional. Os Psicopedagogos que atuam na escola preocupam-se com diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem. Sua contribuição pode ser no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares e familiares. Sua função é analisar e assinalar os fatores que favorecem, afetam ou atrapalham a aprendizagem dentro da instituição. Portanto, esse estudo tem como objetivo auxiliar o professor em sala de aula e o psicopedagogo que atua na instituição escolar que possui alunos com dificuldade de aprendizagem. Proponho um levantamento de quais atividades podem ser usadas para cada queixa, um projeto de leitura com uma gama de possibilidades a serem desenvolvidas e que atinja inúmeras defasagens na aprendizagem e, alguns jogos, estruturados e não estruturados, para alguns problemas encontrados no ambiente escolar.

Palavras-chave: Psicopedagogia Institucional, Psicopedagogia Escolar, Práticas Psicopedagógicas.

ABSTRACT

The educational psychology is an area of study that utilizes many knowledge to understand how the process of learning in individuals, and may act on preventive or interventions. This flexibility in its operations allows you to apply your work in various places developing both Clinical Psychology and/or educational psychology. The educational psychologists who work in school are concerned with various aspects of the teaching-learning process. Your contribution can be in the clarification of learning difficulties that are caused not only the student's weaknesses, but they are consequences of school and family problems. Its function is to analyze and point out the factors that favor, affect or hinder the learning within the institution. Therefore, this study aims to assist the teacher in the classroom and the student in the school institution that has students with a learning disability. I propose a survey of what activities can be used for each complaint, a project of reading with a range of possibilities to be developed and that reaches many lags in learning and some games, structured and unstructured, for some problems encountered in the school environment.

Keywords: Institutional Pedagogy, Educational Psychology, Psicopedagógicas Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1: O QUE É A PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL.....	11
CAPÍTULO 2: RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	13
2. 1. O PAPEL DO GRUPO.....	14
2.2. A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO	16
CAPÍTULO 3: PRINCIPAIS QUEIXAS ESCOLARES	18
3.1. PRINCIPAIS QUEIXAS ENCONTRADAS	18
CAPÍTULO 4: CONHECENDO O ALUNO	21
4.1. DIAGNÓSTICO	23
4.2. INTERLOCUÇÃO COM OS PARES.....	25
CAPÍTULO 5: POSSÍVEIS INTERVENÇÕES	27
5.1. INTERVENÇÕES CLÍNICAS (INDIVIDUAL)	38
5.2. INTERVENÇÕES INSTITUCIONAIS (INDIVIDUAL E GRUPO).....	46
5.3. PROJETO DE LEITURA	54
5.3.1. Preparação e motivação para leitura	54
5.3.2. Exploração da leitura.....	55
5.3.3. Expansão da Leitura.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é uma área de estudo que utiliza saberes da psicologia, psicanálise, psicolinguística, neurologia, psicomotricidade, fonoaudiologia, psiquiatria, entre outros, para compreender como se dá o processo de aprendizagem nos indivíduos, por meio de técnicas e projetos, bem como identificar os fatores que podem atrapalhar ou ajudar na aprendizagem.

O psicopedagogo pode atuar em duas vertentes: a preventiva e a interventiva. Na preventiva, sua atuação será elaborar estratégias e ferramentas que favoreçam o bom desenvolvimento de crianças e adultos, criar um ambiente facilitador para a aprendizagem de forma geral. Já na vertente interventiva, será necessário realizar um diagnóstico para compreender onde está a raiz do problema, e posteriormente, propor intervenções que vão de encontro com as dificuldades emergentes na criança/adulto e criar situações para sanar essas dificuldades, seja por meios de atividades lúdicas, jogos, diálogos, desenhos, projetos e etc.

O psicopedagogo possui uma flexibilidade em sua atuação que lhe permite aplicar seu trabalho em diversos lugares desenvolvendo tanto a Psicopedagogia Clínica e/ou a Psicopedagogia Institucional. O psicopedagogo institucional poderá atuar em escolas, empresas, hospitais e em qualquer instituição que precise de ajuda em relação a situações que envolvam ensino-aprendizagem. Já o psicopedagogo clínico irá atuar em consultório particular ou clínicas psicopedagógicas. Também é possível que o psicopedagogo desempenhe um atendimento clínico dentro de uma instituição, realizando um trabalho individual ou em grupo.

É muito comum este profissional desenvolver um trabalho interdisciplinar juntamente com uma equipe ou um trabalho conjugado com outros profissionais sendo estes psicólogos, fonoaudiólogos, psiquiatras, neurologistas, etc.

O Psicopedagogo que atua na escola preocupa-se com diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem. Sua contribuição pode ser no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares e familiares. Sua função é analisar e assinalar os fatores que favorecem, afetam ou atrapalham a aprendizagem dentro da instituição. Por fim, pode auxiliar no desenvolvimento de projetos favoráveis

às mudanças educacionais, evitando situações que conduzam às dificuldades na construção do conhecimento.

É importante salientar que nem sempre, ou melhor, na maioria das vezes, o problema não está no aluno ou apenas no aluno. Existe uma série de fatores que acarreta o problema de aprendizagem, como a instituição escolar, a didática utilizada na escola, a dinâmica do professor, situações familiares e problemas intrínsecos ao aprendiz.

Quando pensamos na Escola, a primeira coisa que nos vem à cabeça é que a escola possui grande responsabilidade na formação de nossas crianças, mas será que tudo acontece como deveria acontecer? Todas as crianças conseguem se desenvolver dentro do que é esperado pela sociedade? Todas as crianças saem da escola sabendo ler e escrever? O que seria a função primária da escola, alfabetizar? Que situações podem atrapalhar essa criança no seu processo de desenvolvimento escolar?

Diante de uma ampla visão, no dia-a-dia escolar, nos deparamos com reclamações dos professores e família, o que nos leva a concluir que essa tarefa, em alguns casos, não tem sido bem-sucedida ou a essência do problema não está sendo vista da forma como deveria. Perante essa situação, poderíamos nos questionar de quem é a culpa, e escrever folhas e mais folhas procurando culpados, porém, não é esse o foco do trabalho psicopedagógico.

Este estudo tem como objetivo auxiliar o professor em sala de aula e o psicopedagogo na instituição escolar que possui alunos com dificuldade de aprendizagem. Além disto, embasar as dificuldades que aparecem na escola, especificamente na sala de aula, entender quais as principais queixas, quais problemas os professores têm enfrentado e, com base nessas observações, propor intervenções que auxiliem o professor e os psicopedagogos a lidar com essas dificuldades educacionais. Assim, o foco é discutir possíveis atuações para que todas as crianças se desenvolvam o mais próximo da sua integralidade possível; e quais dificuldades do professor podem ser trabalhadas, favorecendo a aprendizagem.

A escola tem um papel importante na sociedade atual em que vivemos e a sala de aula é um subsistema deste contexto que precisa ser olhado com cuidado. É nele que as dificuldades de aprendizagem surgem, e muitas vezes, é nele que fica, pois não ultrapassam suas paredes. Ocorre que, muitas vezes, o professor não consegue identificar a causa do problema, muito menos a forma de ajudar esse aprendiz. Outro

fator importante nessas dificuldades, é o professor se sentir responsável pelo problema que surge e ter medo do fracasso do aluno.

A problematização desta pesquisa se dá nas seguintes indagações teórico-prática: qual atuação prática que o psicopedagogo pode realizar na instituição escolar? Quais planos de ação pode desenvolver junto com o professor para facilitar a aprendizagem do aluno ou sanar as dificuldades de aprendizagem que poderá vir a acontecer durante a escolarização? É possível propor práticas de atividades lúdicas e jogos para lidar com as dificuldades de aprendizagem?

A hipótese inicial deste trabalho é promover uma reflexão sobre o papel do psicopedagogo na instituição escolar, propor situações que auxiliem os professores no cotidiano por meio de um olhar cuidadoso calcados nas bases psicopedagógicas e por meio destes, realizar um plano de ação que não fique apenas no âmbito acadêmico, aquilo apenas visto em sala de aula, mas que siga também por caminhos da ludicidade, desde jogos a projetos de leitura.

Tudo isso por acreditar que a aprendizagem não precisa ser apenas nos modos tradicionais que estamos acostumados. Os jogos podem desenvolver habilidades nesse aprendiz, assim como a imersão em projetos de leitura e construções de conhecimentos, por meio de atividades práticas, com experiências manuais e corporais que favoreçam uma aprendizagem plena e global.

Assim sendo, esta pesquisa tem um caráter qualitativo para subsidiar este estudo. Será realizado uma recuperação dos conhecimentos levantados sobre o tema por meio de uma revisão bibliográfica com a finalidade de elucidar as principais problemáticas e esclarecer o que se sabe até o dado momento, o que torna essa pesquisa teórica e exploratória. Diante do levantamento de atividades que podem ser desenvolvidas com base nas queixas mais comuns, trarei uma sugestão de jogos e atividades lúdicas que possam auxiliar os profissionais na minimização do problema apresentado.

O rumo que pretendo percorrer neste estudo será de entender o que é a psicopedagogia institucional; qual a relação desses conhecimentos com a prática escolar; quais as principais queixas escolares – por meio da pesquisa; relacionar essas queixas com as descritas na literatura sobre o tema; a relação professor x aluno com análise dessa prática, importância do grupo, vínculo e fracasso escolar; conhecimento amplo do aluno por meio de um diagnóstico possível nessa atuação,

entrevista com a família e interlocução com os pares; e para finalizar, propor algumas intervenções tanto institucionais como clínicas individuais e grupais.

Pensando nisso é que me dedico a compreender os principais fatores que geram dificuldades de aprendizagens, ou seja, as principais queixas e, com isso, propor intervenções para que de uma forma simples, os leitores deste trabalho entendam e se sintam apoiados em sua jornada diária.

Sei que o caminho a percorrer é longo e desafiador, mas o que me move é o desejo de ampliar meus conhecimentos e auxiliar os profissionais da área com sugestões para a sua atuação. Estamos o tempo todo em constante aprendizado, somos seres dotados de uma capacidade enorme de adquirir saberes e observar. Se o aluno está estacionado no seu desenvolvimento ou se está com medo e até tentando se recusar a aprender, é preciso buscar a melhor forma de ajudá-lo.

Pretendo fazer um levantamento de quais atividades podem ser usadas para cada queixa, propor um projeto de leitura com uma gama de possibilidades a serem desenvolvidas que atinja inúmeras defasagens na aprendizagem e, alguns jogos estruturados e não estruturados para alguns problemas encontrados no ambiente escolar. Minha proposta não é realizar o trabalho apenas com um indivíduo, o que será possível também, mas sim com grupos escolares ou de reforço. Isto porquê, tenho em mente, que já existem inúmeras sugestões de trabalhos individuais, e por esse motivo, o que abordarei neste estudo será a prática psicopedagógica aplicadas em grupos, principalmente escolares.

CAPÍTULO 1. O QUE É A PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL?

A psicopedagogia institucional é um campo de atuação relativamente novo e desconhecido por parte da população. Surgiu na década de 70 e vem ganhando espaço, mostrando a que veio, sempre envolvida com práticas inovadoras que auxiliam os indivíduos no processo do aprendizado.

O profissional de psicopedagogia, poderá atuar em empresas, hospitais, ONG's, escolas e todos os lugares em que haja uma relação de ensino-aprendizagem. Em linhas gerais, sua prática acontecerá de forma preventiva, podendo atuar diretamente com grupos ou individualmente. Mas também, caso necessário, desempenhará um trabalho interventivo.

Nas empresas, a prioridade de ação será na manutenção ou melhoria das relações interpessoais das pessoas que nela trabalham nesta. Enfatizando os trabalhos institucionais como: a dinâmica do grupo; planejamento de trabalho; organização de tarefas; fortalecimento do vínculo; auxílio mútuo entre as partes e palestras de motivação.

Nos hospitais, é possível realizar um trabalho com os profissionais de saúde e com os pacientes internados. Com os profissionais é possível realizar um trabalho preventivo para a manutenção de sua higiene mental; promover um diálogo sobre a morte e luto; aceitação do sentimento de onipotência; e assim como nas empresas, trabalhar o fortalecimento do vínculo e auxílio mútuo entre as partes. Com os internados, se adulto, poderá realizar atividades de compreensão do seu estado de saúde, formas de organizar sua nova rotina – em caso de pessoas que precisaram de mudanças de hábitos como cadeirantes e amputados – e na aceitação da doença. Com as crianças, poderão ser realizados trabalhos que complementem o aprendizado escolar ou promovam o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e intelectual.

O trabalho em ONG's pode ser aplicado semelhantemente aos profissionais que atuam em empresas ou em hospitais. Já com os usuários, irá depender do público assistido pela instituição.

Outra atuação possível do profissional de psicopedagogia é na escola. Aliás, nesta instituição, é a mais comum. O psicopedagogo possui um grande leque de atividades, sendo elas preventivas ou interventivas.

No que diz respeito a práticas preventivas poderá desenvolver trabalhos com o corpo docente realizando palestras e orientações, com a finalidade de os professores compreendam o processo de aprendizagem dos alunos, tais como, orientá-los no manejo de comportamento; promover uma boa relação entre professor-aluno, professor-escola e professor-família; auxiliar o professor a compreender problemas que atrapalhem o aprendizado acadêmico do aluno; encontrar juntamente com o corpo docente técnicas metodológicas que favoreçam o bom aprendizado de todos; elaborar currículos específicos para crianças com necessidades especiais; realizar orientação educacional, vocacional e ocupacional, seja para os indivíduos ou para os grupos; elaborar projetos que favoreçam a leitura e compreensão da língua falada e escrita; direcionar a aplicação de jogos e atividade lúdicas para o desenvolvimento de habilidades importantes na aprendizagem como: conservação, classificação e seriação; fortalecimento do vínculo educacional do grupo escolar (sala de aula); e muitas outras situações que promovam aprendizagem ampla e sadia, tanto nos aprendizes, como nos ensinantes e também, naqueles que auxiliam no processo educativo dentro na instituição escolar.

Na prática interventiva, o psicopedagogo atuará quando já houver a queixa do problema de aprendizagem. Seu trabalho poderá ser realizado em grupo ou individual. O primeiro passo será uma avaliação diagnóstica e a compreensão do caso por meio de diálogos com a família do indivíduo junto à escola. Com isso, desenvolverá técnicas de intervenção para trabalhar os problemas desse sujeito em relação a aprendizagem. Para facilitar o trabalho, poderá partir das melhores habilidades e tarefas que o sujeito gosta de realizar e por meio delas, seguir uma linha terapêutica para minimização ou promover o desaparecimento da dificuldade de aprendizado.

CAPÍTULO 2. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Sabemos que a relação professor-aluno é uma condição bastante importante. Embora muitas vezes conturbada, é fundamental no despertar do interesse da aprendizagem. Já existem alguns estudos que falam exatamente deste assunto e muitos pensadores já vem sinalizando essa importância.

As relações humanas nem sempre são fáceis e assim como pode haver uma afinidade entre o professor-aluno, a ausência desta, também é verídica. Porém, como há uma relação de dependência de ambas as partes, é necessário voltarmos nossa atenção nos relacionamentos entre professor-aluno, sendo esta interação um divisor de águas dos resultados possíveis, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento humano.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdo, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição em que o professor demonstrará seus conteúdos.

Segundo GADOTTI (1992), o professor não deve se colocar na posição de dono do saber, que apesar de possuir alguns conhecimentos, ainda há muito o que aprender. A relação entre aluno/professor e aluno/aluno poderá contribuir muito para a aprendizagem de todos, inclusive do professor, desde que o aluno também possa contribuir com seus conhecimentos.

Assim, o aprender não será algo imposto pelo professor, mas uma coparticipação de todos, envolvendo os alunos como parte do processo, desenvolvendo neles a responsabilidade pela participação na aula. Para tanto, o educador deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O professor não deve se preocupar somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Para que isto ocorra, é necessária a conscientização do educador de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto realização.

De forma geral, não podemos pensar que a construção do conhecimento acontece individualmente, mas ela ocorre na interação social e cultural. O papel do

professor consiste em ser o mediador entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação. Da mesma forma, o trabalho do professor em sala de aula e o seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura. Por isso, a importância da afetividade, confiança, empatia e o respeito entre professores e alunos é essencial para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma.

Conforme SIQUEIRA (2005), os educadores não podem permitir que tais sentimentos atrapalhem o cumprimento ético de seu dever de professor. Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste para que ele não fique de recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”.

Logo, a relação entre professor e aluno depende fundamentalmente do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus educandos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

2.1 O PAPEL DO GRUPO

O grupo de trabalho na instituição poderá ser um facilitador ou não do trabalho a ser realizado. A participação de todos fará com que se sintam apoiados e com maior liberdade de expor suas dificuldades, assim como, buscar auxílio e ajudar os outros membros.

Um pensador importante que fala sobre grupo é Pichon-Rivière. Ele propõe que ao pensarmos no funcionamento de um grupo, devemos ter em mente dois eixos nomeados e definidos como vertical: assinala tudo aquilo que diz respeito a cada elemento do grupo, distinto e diferenciado do conjunto, como, por exemplo, sua história de constituição e seus processos psíquicos internos; e o horizontal: refere-se ao grupo pensado em sua totalidade. Ou, seja, a história de cada um se refletirá na totalidade do grupo.

Segundo Pichon-Rivière, um grupo deve ser operativo, e para tanto, o grupo para ser grupo precisa de um objetivo comum. Portanto, grupo operativo é “um conjunto de pessoas com um objetivo comum”. (BLEGER, 2007). Assim sendo, quando se opera uma equipe, vai se formando uma estrutura que será fundamental para o progresso deste grupo.

No grupo de ensino, o conjunto que se prepara para aprender, só chegará ao aprendizado, de fato, se trabalhar para isso. Todos os conflitos, problemas, objetivos e recursos a serem estudados que forem aparecendo com o trabalho realizado devem ser examinados e discutidos pelo tal.

É evidente que em um grupo, sempre haverá pessoas com aspectos diferentes: crenças, valores, formas de estudo e aprendizagem. Porém, quando inseridos em um grupo, estes indivíduos irão adotar uma dinâmica particular. A entrada ou saída de um ou mais membros irá modificar essa dinâmica, por isso, se pode afirmar que nunca haverá dois grupos iguais.

Em um conjunto de alunos, todos fazem parte dessa estrutura, inclusive o professor e são as contribuições individuais que dão forma a este grupo. Mesmo em um grupo, onde o nível de conhecimento é diferente, é possível ter um grande avanço no aprendizado, se consideramos a dificuldade de um, como o problema de todos. Quando todos estão empenhados em ajudar um determinado indivíduo, todos evoluem e promovem o aprendizado coletivo.

Como dito anteriormente, não devemos considerar o professor como o único contribuinte dos ensinamentos, todos os alunos podem e devem contribuir com a aula, sempre há algo que o aluno pode ampliar como conhecimento, ainda mais nos tempos atuais onde a informação está nas palmas das mãos (no celular). É importante ressaltar que o uso deste aparelho deve ser um aliado do professor que ao invés de se opor ao seu uso, deveria utilizá-lo como uma fonte de pesquisa instantânea em sala de aula.

Já no grupo de professores, o vínculo que se estabelece será fundamental para o bom funcionamento da equipe, assim como o papel que a direção e a coordenação exercerá sobre esta relação. É claro que existe um grau de hierarquia, mas isso não precisa ser estagnado como fator de aprendizagem. Assim como no grupo de alunos, todos os professores são contribuintes do aprendizado. A troca de experiências faz com que as orientações sejam mais ricas e sirvam de bons ou maus exemplos. Se uma experiência trouxe resultados positivos, pode incentivar outros professores

repeti-la, no entanto, uma experiência que trouxe resultados negativos, pode prover um grande aprendizado ao grupo tanto na forma de pensar em quem teve aquela experiência trazer resultados negativos, e de como idealizar soluções que possam reverter tal situação.

Assim sendo, o grupo operativo seja ele qual for, nas mais variadas configurações que podem acontecer, se todos estiverem empenhados em promover a evolução do coletivo a qual pertencem, isso irá acontecer de uma forma ou de outra. Em todos os grupos há conflitos e problemas que devem ser resolvidos pelo conjunto de indivíduos nele presente para o benefício de todos.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO

O vínculo é um dos fatores mais importante da aprendizagem. Existe inúmeras pesquisas comprovando que quando o aluno gosta de seu professor e se sente querido por ele, o aprendizado costuma ser bem-sucedido. Isso se dá devido a relação que se estabelece entre ambos. O aluno precisa confiar que aquele professor é capaz de ensiná-lo, que possui um saber para lhe transmitir, ou seja, precisa ser criada estabelecer uma relação de confiança, afeto e cumplicidade.

Da mesma forma, quando o professor se sente acolhido pela turma consegue se sentir mais animado e satisfeito para desempenhar sua função. Ele se sentirá motivado a buscar novas fontes e alternativas para que a aprendizagem aconteça.

Por outro lado, quando o aluno percebe que o professor se preparou para aula, se dedicou a buscar alternativas e trouxe novas experiências para a sala de aula, o aluno se fará mais presente, e quase que reciprocamente, tentará contribuir para que tudo aconteça como solicitado pelo professor.

Diante disso, percebemos que quando os dois lados estão dispostos a fazer com que a aula aconteça de forma divertida e que cumpra sua função de aprendizado, é bem provável que o conhecimento aconteça de forma natural.

Na contramão disto, quando uma das partes não quer ou não está empenhada em participar do aprendizado, é bem provável que a aprendizagem não aconteça de forma favorável. Lembrando que essa relação se fortalece quando o grupo está envolvido, porém pode ser que aconteça parcialmente e é quando ocorre esta fratura

que deve acontecer o apoio psicopedagógico. Não há outra alternativa para o psicopedagogo a não ser trabalhar esse grupo visando o bom vínculo das partes.

É imprescindível ouvir as queixas dos lados, fazer um levantamento das situações rotineiras e esclarecer a cada um a importância do seu papel. Ensinar e aprender é uma relação de dependência, ou seja, é impossível haver aprendizado escolar sem uma das partes. É possível um aluno ser autodidata, mas impossível, uma relação de aprendizagem escolar sem o professor ou sem o aluno.

Assim, a importância de um bom vínculo escolar é o que fará com que as relações se estabeleçam de forma sadia e que evitem o aparecimento de problemas ou dificuldade de aprendizagem.

CAPÍTULO 3. PRINCIPAIS QUEIXAS ESCOLARES

O problema de aprendizagem tem levado muitas crianças a consultórios psicológicos e psicopedagógico. A cada dia é mais comum encontrarmos encaminhamentos com as mais variadas queixas, mas antes precisamos entender de onde estão surgindo esses problemas.

PITOMBO (2009), acredita que para discutir o problema do aprendizado escolar convém assinalar, em primeiro lugar, o significado do termo *problema* para em seguida, analisar o significado de *fratura* utilizado no estudo. (Onde ela diz isso?

A palavra **fratura**, significa quebra, fragmentação, comparável a uma fração. Assim, o **problema** de aprendizado escolar pode ser entendido como parte de um todo, uma **fratura** que solicita uma demanda de solução, de construção.

PAIM (1986) considera que os problemas do aprendizado são determinados pelos seguintes fatores: *orgânicos* – ação manifesta pelo corpo, em que se origina todo o aprendizado; os *específicos* – transtornos na área da adequação percepto-motora sem vinculação comprovada com sua origem orgânica, que aparecem especialmente no aprendizado da linguagem e na sua função simbólica; os *psicogênicos* – comportamentos de inibição e defesa manifestos frente ao problema de aprendizado; e os fatores *ambientais* – que dizem respeito à ideologia e aos valores do grupo social a que pertencem o sujeito, nas suas relações de aprendizado. Esses fatores também são considerados na ótica sócio interacionista.

Assim, podemos compreender que o problema de aprendizado escolar se dá como um sintoma, uma fratura de um momento do processo de desenvolvimento e de aprendizagem. Ou seja, pode permear vários aspectos da vida do indivíduo.

Diante disto, vamos fazer um breve levantamento das queixas mais comuns no ambiente escolar.

3.1. PRINCIPAIS QUEIXAS ENCONTRADAS

Transtorno de Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade: O (TDAH) é um transtorno neurológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por

sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Ele é chamado às vezes de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção).

Discalculia: É uma má formação neurológica que provoca transtornos na aprendizagem de tudo o que se relaciona a números, como fazer operações matemáticas, fazer classificações, dificuldade em entender os conceitos matemáticos, na aplicação da matemática do cotidiano e na sequenciação numérica. Acredita-se que a causa dessa má formação pode ser genética, neurobiológica ou epidemiológica.

Normalmente, crianças e qualquer outra pessoa que possuem tal distúrbio apresentam vários sinais, tais como dificuldade com tabuadas, ordens numéricas, em posicionar os números em folha de papel, em somar, subtrair, multiplicar e dividir, em memorizar cálculos e fórmulas, em distinguir os símbolos matemáticos e em compreender os termos utilizados.

Dislalia: um distúrbio de fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras e pela má pronúncia, seja omitindo, acrescentando, trocando ou distorcendo os fonemas. Podemos citar alguns casos: a troca de “bola” por “póla”; de “porta” por “poita”; de “preto” por “peto”; de “tomei” por “omei”; de “barata” por “balata”; de “atlântico” por “atelântico”. Outro exemplo comum envolve a pronúncia do “K” e do “G”: “ato” ao invés de “gato”; “ma a o” no lugar de “macaco”. As trocas mais comuns são:

- P por B;
- F por V;
- T por D;
- R por L;
- F por S;
- J por Z;
- X por S.

Até os quatro anos, o erro em pronunciar as palavras é considerado normal, mas, após essa idade, continuar falando mal pode acarretar sérios problemas, inclusive na escrita. Uma opção é fazer o trabalho preventivo à alfabetização, evitando dificuldades escolares. Possivelmente ocorra a estimulação do distúrbio caso a criança use chupeta, mamadeira ou chupe dedo por tempo prolongado, causando

flacidez muscular e postura indevida da língua. Outra causa, é o tratamento da criança como um bebê, reforçando uma fala mais infantilizada.

Disortografia: é a alteração na planificação da linguagem escrita, causando transtorno na aprendizagem da ortografia, gramática e redação”. Os órgãos sensoriais estão intactos e devem passar por uma instrução adequada. Traçado incorreto da letra, lentidão, alteração no espaço, sujeira e falta de clareza na escrita, inteligibilidade são alguns sinais da disortografia. Muitas pessoas também se queixam de dores nas mãos ou nos braços, pois fazem força para escrever. A pessoa que sofre de disortografia tende a escrever textos curtos, a ter dificuldade no uso de coordenação e subordinação das orações, dificuldade em perceber os sinais de pontuação, falta de vontade para escrever.

Sendo a disortografia um problema na escrita, veja abaixo alguns exemplos:

- Substituição: “todos” por “totos”
- Omissão: “Chuva forte” por “chuva fote”
- Acréscimo de letras ou sílabas: “Estranho” por “estrainho”
- Separação: “Está embaixo da cama” por “Está em baixo da cama” Ou “Caiu uma chuva” por “caiu um a chuva”
- Junção: “A lua está entre as nuvens” por “Alua está entre as nuvens”

Considera-se que, até a segunda série seja comum as crianças se confundirem ortograficamente, dado que a relação com o som e a palavra escrita ainda não está dominada. Para que seja diagnosticada a disortografia, a criança não pode ter alterações intelectuais, sensoriais, neurológicas, motoras e afetivas. Esse é um transtorno funcional que afeta a forma, inteligibilidade, significado e o ritmo da escrita. Isto é, o desenho da letra não estará adequado à verdadeira escrita. A disortografia pode vir sozinha, ou seja, a pessoa lê e escreve bem, mas não consegue desenhar a letra de forma clara e limpa, como também pode aparecer junto com a dislexia.

CAPÍTULO 4. CONHECENDO O ALUNO

Diante das queixas escolares é importante que se faça uma análise de cada caso para não cairmos no achismo, nem sair encaminhando todas as crianças que não acompanham a turma.

O mais importante é conhecer o aluno, sua história de vida, sua família, o início da vida escolar, a relação com colegas e professor, a escola e como se dá as relações de aprendizagem. De fato, não é algo tão simples e é preciso ter um olhar cuidadoso, como vimos anteriormente, nem sempre o problema é fisiológico, pode ser emocional ou social. Se trata de um trabalho investigativo de fato e qualquer detalhe pode ser o gatilho que esta desencadeando o problema na aprendizagem.

Como estamos falando do trabalho psicopedagógico na instituição escolar, o diagnóstico deve ser feito na própria instituição de ensino. Assim sendo, veremos como alguns passos ausentes na compreensão de aspectos cognitivos, emocionais e sociais podem gerar os problemas na aprendizagem.

Na psicopedagogia, muitas vezes o diagnóstico caminha junto com a intervenção, ou seja, quando aplicamos uma atividade para observar habilidade ou dificuldades da criança, simultaneamente realizamos a intervenção, fazendo com que a criança compreenda algo e já vá adquirindo novos conhecimentos.

O primeiro passo é ouvir o professor. Quais fatores o levam a pensar que esse aluno precisa de uma avaliação ou do auxílio do psicopedagogo. Em seguida, fazer um levantamento de vários aspectos como: relacionamento; compreensão geral e raciocínio; aprendizagem específica.

Além disso, cabe ao profissional compreender o que leva esse professor a pensar que esse aluno tem problemas na aprendizagem, ajudá-lo a observar as capacidades e as dificuldades da criança, tentando elucidar aspectos que não foram avaliados por ele e que podem contribuir para o aparecimento do problema e fazê-lo perceber como este vivencia a problemática da criança. Todas essas questões serão fundamentais para a elaboração de um plano de ação para auxiliar esse professor em sua atuação na sala de aula. É baseado nessas informações que o psicopedagogo atuará e, apesar das informações trazidas pelo professor serem muito valiosas, é necessário analisá-las e compará-las com a entrevista feita com os pais. Ou seja, o psicopedagogo precisa ter um olhar sistêmico, procurando ver o todo e suas partes.

Em grande parte, são os pais que solicitam a ajuda de um psicopedagogo, porém pode partir também da escola.

No caso do psicopedagogo que já está inserido na instituição escolar, a probabilidade de a queixa partir do professor é maior. Independente do ponto de partida, o psicopedagogo precisa ouvir os dois lados. Há um leque bem amplo de como proceder, qual o foco e por onde começar. Acredito que isso depende muito da queixa inicial, isto é, do problema primário que chega a nós. Penso que devemos ouvir primeiro quem tem a queixa e como uma grande costura ir amarrando os pontos que circundam a vida desta criança. Quanto mais investigarmos mais acharemos suposições, onde encontramos algumas certezas e descobrimos inúmeras dúvidas. Isso nos dá a liberdade de retomarmos a entrevista seja com a família ou com o professor.

Na entrevista com os pais é importante deixar claro o objetivo daquela conversa – compreender aspectos da vida da criança que podem estar contribuindo para o problema de aprendizagem e esclarecer qual é o papel do psicopedagogo, quais objetivos quer alcançar com sua atuação, além de ouvir o que os pais esperam do trabalho a ser feito.

É importante que fique claro que tanto o psicopedagogo, como a escola e a família precisam firmar um acordo mútuo, pois todos são importantes para a compreensão e resolução do problema. Será uma parceria em que cada um terá uma função importante no processo. Ao psicopedagogo, cabe propor e orientar ações para que todos sintam-se confiantes e ajudem essa criança na sua dificuldade.

Os pontos abordados na entrevista com os pais devem ser orientados com base em uma anamnese da vida da criança. Isto é, através de um questionário que retrata desde como foi a gravidez, se foi planejada ou não, se houve problemas na gestação ou no parto, se houve doenças na primeira infância, quem faz parte da família (irmãos, avós, tios e etc.), como foi a decisão de começar a vida escolar, como foi a adaptação, o que a criança conta da relação com a professora e amigos, como realiza as tarefas de casa, como é seu desempenho nas avaliações, até chegarmos no ponto de como surgiu a questão do problema na aprendizagem. É necessário também, compreender qual é a percepção dos pais em relação a este problema e o que fazem para tentar ajudar a criança.

O terceiro passo é ouvir a criança, entender o que ela sabe ou pensa do problema. Como ela encara essa situação e o que gostaria de mudar. Nesse momento

é interessante contar a criança os passos que serão seguidos e o que pretende fazer para ajudá-lo. Quanto maior a criança, maior será a participação dela na compreensão do processo. Conhecer suas preferências e habilidades pode ser o norte que auxiliará o psicopedagogo em qual caminho deve seguir em sua intervenção.

Por fim, para conhecer esse aluno em sua realidade escolar, deve ser feita uma observação em sala de aula. O objetivo principal dessa observação é ver como esse aluno se comporta na aprendizagem, como são suas relações, como é a didática adotada pela professora e como ele se coloca diante da dúvida e da aprendizagem.

Como todos esses elementos o psicopedagogo estará pronto para iniciar o diagnóstico. Estes fatores serão de suma importância para a conclusão e devem ser retomados sempre que necessário.

4.1. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico psicopedagógico é uma análise das dificuldades do aluno no ambiente escolar. Para esta análise será necessária a coparticipação do profissional de psicopedagogia em conjunto com o professor. O psicopedagogo irá propor as intervenções e o professor deverá aplicá-las sozinho ou sob supervisão. Tanto o psicopedagogo quanto o professor podem aplicar juntos caso seja necessário.

Após a escuta cuidadosa de todas as partes e com a queixa em foco o psicopedagogo deve propor atividades ou situações que testem o grau e a intensidade do problema.

É também necessário compreendermos quem apresenta uma dificuldade de aprendizado é diferente do não saber. Em alguns casos pode acontecer do aluno chegar bastante atrasado no seu desenvolvimento e se não for feito um trabalho retroativo, com toda certeza ele irá apresentar problemas para realizar a tarefa, afinal, ainda não aprendeu como solucioná-la. Outro cuidado importante é o de não rotularmos uma criança permitindo que ela carregue aquele estigma pelo resto da vida. Em muitos casos, a origem do problema está na falta do conhecimento ou atraso acadêmico.

Na grande maioria dos casos, o trabalho psicopedagógico consegue recuperar essa criança. Quando o problema é de ordem neurológica, é necessário realizar um trabalho específico que vá de encontro com a dificuldade do aluno, pode ser que seja

necessário desenvolver um plano de trabalho específico para aquela criança, além do auxílio de outros profissionais que poderão ajudar na solução ou minimização do problema.

Na escola precisamos ver como é desenvolvida a função social que se refere, isto é, como ela prepara essa criança para enfrentar as exigências comunitárias futuras. Além da análise das relações de ensino-aprendizagem, também deve-se observar as relações interpessoais da criança com seus colegas. Nessa questão é fundamental observar se há rotulação ou discriminação. Em caso afirmativo, tal comportamento deve ser cessado imediatamente, pois isso pode ser um inibidor poderoso, fazendo com que a criança não questione ou não seja ouvida por ser tachada como “ele não sabe mesmo”. O professor deverá ser alertado para observar e atuar neste caso.

O professor tem o papel de incentivar o desenvolvimento dos alunos, inserí-los nos valores cotidianos e conteúdos didáticos pertinentes no ano escolar que se encontra. Ele fará atuações constantes, agindo no grupo escolar e individualmente, aluno a aluno. É uma tarefa bastante complexa pois terá que planejar a o conteúdo, preparar a aula, aplicar, corrigir, verificar a aprendizagem e tentar suprir as deficiências acadêmicas interligadas ao tema abordado.

De fato, a tarefa de professor não é fácil, pois há uma exigência da comunidade escolar e da família para que a criança aprenda e tire notas boas. Por isso, as orientações devem ser pontuais e cuidadosas, com o propósito de ajudar o professor e não de atrapalhar sua prática. Devem também se encaixar no estilo do professor para que não sejamos causadores de uma nova ruptura, mas sim de um facilitador do processo educativo.

Em relação ao aluno, não devemos esquecer que ele está inserido em dois sistemas diferentes: a família e a escola. Em cada ambiente há uma dinâmica própria e exige dele uma conduta específica. É preciso um olhar cuidadoso para não reproduzimos situações que já acontecem, devemos trazer algo novo e estar aberto às queixas desse aluno. É preciso ouvi-lo e entender qual o seu problema na aprendizagem.

As atividades a serem aplicadas para a realização do diagnóstico devem partir das habilidades que a criança tem e não do problema, como costuma-se pensar. É com base nas suas habilidades que conquistaremos a confiança do aluno e a melhoraria em sua autoestima. Sabemos que quando o aluno apresenta um problema

na aprendizagem sua autoestima fica rebaixada piorando o quadro ou mantendo uma situação que o impede de sair do lugar *“até aqui eu sei, então vou ficar aqui”*. Afinal, se arriscar, significa se expor, aprender significa lidar com o erro, e tentar significa enfrentar o fracasso.

Diante de tantos olhares e conseqüentemente de várias críticas, podemos dizer que se propor a aprender é um ato de coragem que deve ser motivado principalmente pelo professor e pela família, assim, como a construção de um bom vínculo. Dessa forma, a troca de informações e sentimentos irá nortear essa aprendizagem para um bom caminho.

4.2. INTERLOCUÇÃO COM OS PARES

A coleta de informações vem apoiada na finalidade de apresentar aos pares – aluno, professor, escola e família – o porquê do problema, de onde vem, o que tem provocado, enfim, porque essa criança tem apresentado aquela situação. É claro que achar essas respostas demanda tempo e muita dedicação, pois nem sempre está dentro de nossa alçada saber quando é necessária uma equipe multiprofissional. Por conta disso que poderá ser necessário outros encaminhamentos, o que nem sempre é uma tarefa fácil, afinal, todos acreditaram que você resolverá o problema.

Mesmo quando sabemos a origem do problema, apontar o dedo, também não é nada fácil, principalmente quando estiver relacionado à didática da professora. Muito cuidado, pois você vem de fora e não tem todas as obrigações que ela tem, e dizer que ela está fazendo errado, ou que a forma como ela lida com o erro do aluno deveria ser diferente, pode gerar uma fratura na comunicação entre o psicopedagogo e a professora, ou inibir a sua ação educativa. É importante apontar o problema, mas usar de muita sabedoria e delicadeza.

Outra dificuldade é dizer aos pais que eles não estão fazendo seu papel como deveriam, ou que é a escola quem está falhando. Enfim, apontar o erro, é extremamente delicado e é necessário ser muito sutil, porém, é um “mal” necessário.

Esse ponto é crucial, pois é nesse momento que daremos orientações às partes envolvidas como o propósito de ajudar a criança. Mudanças serão necessárias e, pode ser que encontremos certas resistências de um ou outro, ou até de todos, mas quando todos perceberem a importância de cada ação em que a mudança de atitude

contribuirá para esse novo momento em que todos os atores se reconstruem e passem a colaborar mais, entendendo melhor o seu papel na busca de resultados para o aprendiz.

O mais importante de tudo isso é cada um precisa assumir seu papel e sua responsabilidade na aprendizagem da criança, até mesmo o aluno precisa se disponibilizar para essa nova fase, pois não há mudanças sem que sejam desejadas e, a interlocução com os pares que fará com todos se disponibilizem em prol da causa e que assim, o sucesso venha satisfatoriamente.

Neste momento o papel do psicopedagogo é de mediador, este irá trazer e levar informações, realizar orientações pontuais, se ocupar do diagnóstico e da intervenção. Assim que for se fazendo necessário deve-se realizar novos encontros com novas orientações, pois as adaptações serão necessárias assim que o processo avançar.

CAPÍTULO 5. POSSÍVEIS INTERVENÇÕES COM OBJETIVOS DIAGNÓSTICOS

Conforme já vimos anteriormente, a intervenção vai acontecendo conforme é realizado o diagnóstico nas aulas em que o professor apresentar a queixa, ou em um horário vago da turma, podendo ser também, em um horário que seja adequado conforme a organização escolar apropriada.

Veremos abaixo algumas intervenções que poderão ser feitas no início do acompanhamento psicopedagógico com o propósito de investigar as causas da queixa na aprendizagem. Também é possível aplicar as atividades para trabalhar a queixa ou melhorar as relações individuais ou coletivas de cada um.

Por estarmos inseridos na instituição escolar, o diagnóstico será realizado em grupo. Caso seja necessário aplicar uma avaliação individual, deve ser feito fora da sala de aula e preferencialmente, em um horário que não tire o aluno da sala de aula, para evitar perda de conteúdo. Os encontros podem ser semanais, quinzenais ou duas vezes por semana, dependendo da necessidade.

A avaliação dos estágios do desenvolvimento, assim como afirma Piaget, é de suma importância para verificar se a criança consegue classificar e seriar itens, conservar ou reverter uma situação, pois essas condições são indispensáveis para a aprendizagem. Caso elas estejam deficitárias, é necessário desenvolver um trabalho específico para que a criança consiga desenvolvê-las.

É importante lembrar que o espaço a ser realizado as atividades pode ser a própria sala de aula ou até mesmo um espaço livre e tranquilo disponível na escola.

Preparação para atividade: Relaxamento

Antes de começar qualquer atividade é interessante preparar o ambiente, promover um relaxamento para que a turma se concentre nos mediadores (professor e psicopedagogo).

Para iniciar o relaxamento deve-se colocar uma música instrumental e tranquila. Solicite que respirem profundamente e devagar.

Faça um discurso que crie imagens mentais: *“Imagine que você está em um lugar tranquilo (praia, parque, etc.), que você está com pessoas que você gosta (pais,*

irmãos, amigos, etc.), fazendo sua brincadeira preferida (correndo, pulando, dançando, andando de bicicleta, etc.) você está comendo pipoca (tomando sorvete, comendo algodão doce, etc.) [...]"

A ideia do discurso é relaxar a turma e promover a concentração. Em cada dia, pode usar um roteiro diferente. No término do relaxamento é importante trazer as crianças de volta à realidade: *"[...] agora vamos voltando para a sala de aula, vamos sentindo as pontas dos dedos dos pés, os pés, as pernas, as mãos, estamos sentindo nossa respiração, estamos ouvindo os barulhos da sala e quem está próximo a nós. Vamos abrindo os olhos de vagar e olhando para os amigos. "*

Depois do relaxamento é interessante explicar aos alunos a atividade que será realizada e quais os passos que iremos trilhar.

1ª Atividade: Desenho livre¹

O desenho livre pode ser usado em qualquer idade e é sempre uma boa pedida para o primeiro encontro. Pode ser usado em um grupo ou avaliação individual.

Para aplicar deve-se dar uma folha em branco e solicitar que as crianças façam um desenho e deem um título. Depois devem contar uma história sobre o desenho, isso para crianças sem fluência na escrita, para as crianças maiores pode pedir que elas mesmas escrevam uma história sobre o desenho no verso da folha.

Conforme a criança conta a história sobre o desenho, ou é feita a leitura escrita pela criança é possível fazer questionamentos sobre a história ou sobre o desenho com o intuito de investigar desejos, sonhos, vontades, medos e preocupações. Esse trabalho, quando em grupo, deve ser feito apenas com crianças que já saibam escrever fluentemente e à pós a escrita, pode-se pedir que cada faça a leitura em voz alta e a cada leitura deve-se realizar o questionamento de investigação.

O objetivo principal do encontro é ter um entrosamento com os alunos. Como será realizado em sala de aula, poderá ser realizado juntamente com a professora que deve estar ciente dos objetivos que buscam investigar. Como ela já possui uma

¹ Grande parte das atividades apresentadas neste estudo foram apresentadas no Curso de Formação Psicopedagógica do Instituto Sedes Sapientiae. Citarei cada professora na respectiva atividade apresentada. Desenho Livre: Professora Vera Marcia Pina

familiaridade maior com os alunos, é possível eles sentam-se mais à vontade para se expressar.

2ª Atividade: Como eu sou e como eu gostaria de ser²

Essa atividade consiste em dividir uma folha ao meio e solicitar aos alunos que desenhem de um lado que eles consideram que são e do outro o que gostariam de ser. Cada um deve apresentar o seu desenho dizendo o que desenharam e porquê.

Pode ser feito questionamentos com o objetivo de vir à tona as dificuldades de cada um, e também levá-los a pensar o que eles poderiam fazer para alcançar o que gostariam de ser, quem poderia ajudá-los a alcançar seus objetivos e o que acham que deveriam mudar em sua vida ou comportamento para que facilitasse o sucesso.

A ideia central dessa atividade é verificar o que a criança acha que está ruim com ela e começar a plantar uma sementinha de que ele pode mudar a situação, traçar uma meta. Mesmo que não a alcancemos totalmente, podemos ir aos poucos construindo uma nova realidade.

Nessa atividade também é possível verificar a autoestima da criança e sua vontade de melhorar ou não. Não podemos descartar a possibilidade de a criança se recusar a realizar a tarefa. Portanto, seria bom que houvesse um rodízio de quem começa, e caso a criança seja muito tímida, outras crianças podem falar primeiro para que ela se sinta segura para falar em seguida.

3ª Atividade: Desenho das mãos

Nessa atividade a criança deve traçar o contorno das duas mãos com lápis. Em cada dedo da mão esquerda deve escrever uma coisa que gostaria de mudar ou dificuldades que tem somando cinco situações. Nos dedos da mão direita deve escrever as coisas que irá se propor a fazer para modificar os itens da mão esquerda.

² Como eu gostaria de ser: Professora Vera Marcia Pina.

Caso a criança não saiba escrever, o professor ou psicopedagogo podem fazer o papel de escriba ou auxiliar que a criança tente escrever sozinha, mesmo que seja necessário soletrar.

O objetivo é verificar o que a criança considera que tem dificuldade e se ela se disponibiliza a fazer algo para mudar. Caso os alunos apresentem dificuldades para preencher o item em cada dedo, pode ser feitas sugestões com base nas queixas apresentadas.

Sempre que falamos do problema podemos gerar sentimentos de angústia e até a recusa de participar, mas é importante incentivar a criança para que tente fazendo com que perceba que você está disposto a ajudá-la. Nesse momento é importante não demonstrar insatisfação, nem inquietude. A criança precisa sentir que irá esperar por ela e que mesmo que demore, estará esperando pacientemente.

Para finalizar atividades tensas ou que exijam muita concentração da criança, pode ser realizada alguma brincadeira que seja relaxante e divertida, como pular, bater palmas, agitar braços e pernas, dar risada, ou seja, brincadeiras rápidas que retirem a má impressão ou aquela tensão exigida na atividade.

4ª Atividade: Desenho da família³

O desenho da família sempre traz informações de fundo emocional e trará à tona algumas situações referentes à dinâmica familiar, como se relacionam e qual papel cada um ocupa.

A orientação é bem simples, dar uma folha em branco e solicitar que desenhe sua família (pessoas que moram na mesma casa). As observações devem ser a respeito de quem essa criança desenha, qual a organização das pessoas, se existe uma organização do espaço da folha, o tamanho das pessoas.

Na hora de contar a história, a criança deve apresentar todas as pessoas do desenho, podendo responder às perguntas: quem é a pessoa que o ajuda a realizar as lições de casa, quem trabalha, quem faz a comida etc. É possível questionar que atividades gosta de fazer em família, quais os passeios preferidos, quem costuma ir

³ CORMAN, Louis. O teste do desenho da família.

visitá-los. Enfim, perguntas que nos mostrem os sentimentos da criança em relação sua vida familiar.

O objetivo desta atividade é entender como a família se organiza e quais sentimentos essa criança tem em relação a essas pessoas. Pode também perguntar sobre a rotina da criança, como divide seu dia, quais tarefas em casa realiza e como é a comunicação entre os membros.

Não podemos esquecer que existe uma infinidade de tipos de famílias, e todas devem ser respeitadas e validadas, mesmo que a criança não ache que ela e a avó sejam uma família. Poderemos encontrar crianças que moram em abrigo ou foram adotadas e essa é uma ótima oportunidade de fazer uma intervenção, de mostrar a essa criança que uma família não precisa ser o modelo tradicional – pai, mãe e filhos – que família são as pessoas que cuidam de nós, aquelas que moram junto conosco e que amamos, podendo ser até um objeto.

5ª Atividade: Par Educativo – Prova Projetiva⁴

O desenho do par educativo, começa a se aproximar do ambiente escolar, nesta atividade pode solicitar que a professora não participe para evitar que influencie os alunos ou eles sintam-se inibidos com a presença dela. Pode combinar com eles previamente que não será mostrado para a professora e que podem sentir-se à vontade para falar diante de toda a turma ou falar em particular com o psicopedagogo. Caso perceba que há algo oculto, ou que mereça uma atenção especial, pode chamar a criança para um encontro individual. Apesar do par educativo não representar somente a relação professor-aluno, mas sim alguém que ensina e alguém que aprende, porém, por estarem na escola, podem se contaminar com a ideia de professor-aluno.

A orientação é dar uma folha de sulfite e solicitar que desenhem uma pessoa ensinando e outra aprendendo. Depois a criança pode explicar o desenho. Observe que sempre que damos um desenho é necessário que a criança o explique ou conte uma história. A fala da criança pode estar relacionada ou não com o desenho. Pode

⁴ VISCA. Jorge. Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua interpretação.

ser que conte algo com informações valiosas sobre a sua aprendizagem, como também podem parecer que não fazem o menor sentido.

O importante é observar como é a relação de aprendizagem para a criança. Os questionamentos poder ser feitos com objetivo de sondar como a criança organiza seus estudos, quem a auxilia, quais sentimentos ela apresenta no momento que está realizando uma tarefa e se gosta ou não de estudar, afinal, o gostar está relacionado diretamente se sabemos e temos facilidade ou não. Quando sabemos fazer algo, conseqüentemente gostamos desse algo, exemplo, quando sabemos cultivar plantas, costumamos ter plantas e gostar de cultivar plantas. Quando não sabemos e se não nos dedicamos a aprender, ou temos dificuldade de fazê-lo, evitaremos ter ou cultivar.

6ª Atividade: Sondagem de Escrita e Leitura

Para as sondagens existe uma infinidade de tarefas, e é possível, que seja necessário aplicar mais de um tipo para verificarmos quais as dificuldades da criança sem descartar o nível que é esperado que ela esteja conforme sua idade. As atividades que envolvem escrita de história já pode nos dar uma prévia do vamos encontrar, mas é por meio da sondagem que confirmaremos nossa suspeita.

Para propor atividades adequadas precisamos compreender os níveis de alfabetização. Segundo FERREIRO & TEBEROSKY (2009) o aprendiz apresenta níveis de aprendizado, o mais primitivo deles é o **pré-silábico**, quando a criança não faz correspondência do som com a letra, ou seja, ela pode até copiar as letras, porém para elas não representa nada, são desenhos que não fazem necessariamente um sentido. O nível mais avançado do pré-silábico pode usar muitas letras para representar coisas grandes e poucas letras para coisas pequenas, a distinção se dá pelo tamanho do objeto.

O próximo nível é o **silábico**, neste nível a criança começa a fazer a relação do som com a letra. No início, usa uma marca para cada som e preocupa-se mais em marcar o som, mas não com a letra correta, ou seja, não usa o valor sonoro da letra.

O nível mais avançado é o **alfabético**, neste nível a criança consegue escrever, mas pode emendar letras ou escrever como se fala, porém é possível compreender o que foi escrito.

É importante salientar que em cada um desses níveis pode haver subdivisões, misturas ou ainda transição entre um nível e outro. Para avaliar a escrita podemos trabalhar com letras móveis, e como há vários níveis de escrita, tentarei sugerir uma para cada nível.

Os jogos realizados devem sempre ser realizados de acordo com a etapa em que a criança estiver dando-lhe desafios para que possa avançar em suas hipóteses.

- **Construção da base alfabética:** primeiro devemos saber se a criança consegue fazer a correspondência da letra com o som. Uma atividade simples que também pode ser uma intervenção é o Bingo das Letras. Essa atividade consiste em fazer uma cartela com 12 letras variadas do alfabeto. Assim como no bingo tradicional, as cartelas devem ser diferentes entre si. Sorteia-se uma letra e a criança deve procurar em sua cartela. Caso a criança sinta dificuldade de reconhecer poder mostrar as letras, conforme a criança se apropriar do conhecimento das mesmas, retira-se o modelo e a criança deve procurar sozinha. Ganha o jogo quem completar a cartela primeiro. É possível também realizar atividades com modelos estáveis (rótulos, nomes próprios, lista de brinquedos e etc.) e observar se a criança consegue fazer a leitura dos símbolos ou reconhecê-los. Conforme for percebendo que o aluno está em um nível mais avançado, é possível trabalhar com letras móveis e verificar a construção silábica ou de palavras.
- **Transição da fala:** para verificar este estágio, podemos usar atividades que levem a percepção de que a escrita não representa a fala, mas a língua. Nesse sentido podemos realizar atividades que possibilitem a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético, envolvendo unidades gráficas, comparando palavras ou parte delas. Um jogo que possibilita essa reflexão é um jogo de memória onde uma carta está a imagem de um objeto e a outro a palavra (exemplo: uma carta com a palavra banana e a outra com o desenho da banana). Outro jogo interessante é o jogo de palavras escondidas onde há uma palavra com possibilidades de escrever duas palavras, a criança deve tentar descobrir qual é a palavra escondida (exemplo: na palavra SAPATO podemos encontrar a palavra

pató). Para variar e aprofundar essa reflexão podemos também que faça a escrita de parlendas que lembra de memória, ou trechos de histórias já lidas ou escreva livremente uma frase ou um pequeno texto, com isso, podemos verificar o quão adiantado está ou não neste nível da alfabetização.

- **Construção ortográfica:** Este tipo de atividade tem a finalidade de verificar ou aprimorar a escrita correta das palavras. Podemos usar diferentes tipos de textos com gêneros e temas variados com o objetivo de realizar a construção das regras e assim verificar suas hipóteses de escrita. Para esse tipo de tarefa podemos usar textos de interesse da criança, por exemplo, se estamos atendendo um menino que gosta de automóveis, podemos trabalhar os vários tipos de veículos com um texto que fala sobre carros, com isso verificamos o uso do RR nas palavras e outras regras que possam aparecer, após, fazer uma lista com vários tipos de meios de transporte; procurar seus significados no dicionário; podemos classificá-los em aéreos, aquáticos e terrestre em uma tabela e realizar a escrita de cada um; e por fim, pedir para que escreva livremente um texto sobre qual o carro dos seus sonhos e que tecnologias ele teria. Como ponto final, fazer uma maquete do seu carro dos sonhos com um manual de instruções e descrições de suas tecnologias.

Outra sugestão é levar imagens comuns de pessoas, animais, lugares objetos e etc., solicitar que escrevam uma frase sobre o que estão vendo ou sentindo daquela imagem. Pode ser feita uma variação onde partindo das imagens a turma deve construir uma história coletiva. Um começa a história e mostra a sua imagem incorporando-a na sua fala, o próximo deve continuar a história também incluindo sua imagem e assim sucessivamente até todos falarem. Em turmas mais avançada, pode escolher um escriba para escrever a história, depois eles podem ir fazendo correções e até publicar para os outros alunos em um painel ou até no site do colégio.

A sondagem das letras vem acompanhada da sondagem da leitura, porém, não significa que uma criança que consiga escrever, consiga ler ou vice-versa. Apesar de existir essa suposição, ela nem sempre se confirma. Todas as atividades anteriores

servem também para esse tipo de sondagem. No entanto, existe outras mais específica.

Quando apresentamos um jogo é interessante apresentarmos um incentivo. Este incentivo pode ser uma pintura no rosto, uma medalha feita de papel, uma “estrelinha do saber” ou qualquer coisa que motive eles a conseguir ou pelo menos a tentar. Mas é preciso tomar cuidado para não desmotivar quem não consegue. Aquele quem tem mais dificuldade também tem que ser motivado, com palavras de incentivo e até mesmo recompensas de mérito por tentar.

7ª Atividade: Sondagem de números/ operações matemáticas

Para começar a sondagem de números, o primeiro passo é saber se a criança sabe contar e se faz a correspondência do nome do número com a imagem do número. A cantilena (falar os números *um, dois, três, quatro...*) é algo que geralmente uma criança de 2 ou 3 anos consegue realizar com facilidade, mas isso não quer dizer que conhece os números ou consiga dizer quantos dedos há em uma mão onde se mostra três dedos.

- **Contagem:** A sugestão de atividade para verificar se o aluno sabe contar pode ser algo bem simples como contar tampinhas, bolinhas de gude, palitos de sorvete ou outros objetos que façam parte da vida da criança. Com essa ideia, é possível promover pequenas dinâmicas do tipo:

- Pegue três balas;
- Coloque cinco maçãs na cesta;
- Derrube dois pinos de boliche;
- Estoure quatro balões;

Nessa linha podemos ir dando ordens mais complexas para verificar como a criança realiza as tarefas, além disso, verificar sua capacidade de conservação de informações e habilidade de seguir várias ordens seguidas como por exemplo:

- Coloque uma maçã e três bolas na cesta;

→ Pegue quatro estrelas, coloque na mesa, dê dois pulos e estoure cinco balões.

- **Imagem do número:** A próxima investigação será a capacidade de reconhecer o número. Uma atividade simples é a do Bingo tradicional. Assim como nas letras, caso a criança não conheça, pode apresentar um modelo e depois ir retirando. Como todo bingo, sorteia-se um número e a criança faz a verificação para ver se tem em sua cartela. Caso tenha, deve marcar, a criança que completar a marcação da cartela, ou seja, sortear todos os números é o vencedor. O objetivo é observar se a criança reconhece a imagem dos números, se realmente sabe que **sete** corresponde a imagem do número **7**.

- **Correspondência de imagem-quantidade:** Para fazer a verificação da correspondência de imagem-quantidade pode ser usado um jogo da memória onde os pares são compostos de uma carta com o número e a outra com a quantidade, por exemplo, uma carta com o número 5 e a outra com 5 estrelas. Nessa atividade mesmo que a criança não esteja apropriada com o conhecimento, durante o jogo vendo outras crianças jogando e verbalizando, irá perceber o funcionamento do jogo e conseguirá fazer a correspondência.

- **Cálculos:** a verificação da habilidade de calcular pode ser feita do jeito tradicional por meio de contas em uma folha de papel ou em formas de dinâmica por meio de comandos.
 - Coloque dois palitos no prato, agora coloque mais cinco. Quantos palitos ficou?
 - Aqui tem sete maçãs, se eu comer quatro, com quantas fico?
 Seguindo essa ideia, pode ir variando as operações de soma e subtração e aumentando o grau de dificuldade para verificar até onde a criança corresponde ao conhecimento matemático e de raciocínio lógico.

8ª Atividade: Sondagem de noção espacial

A atividade de sondagem de noção espacial envolve noções de orientação em relação aos objetos, às pessoas ou seu próprio corpo em um determinado local. É como a criança localiza o que está à sua direita ou esquerda; à frente ou atrás; acima ou abaixo de si, ou ainda, um objeto em relação a outro.

Para essa verificação pode se fazer várias brincadeiras do cotidiano infantil, como circuito de atividade de passar em túnel, correr, pular, gatinhar, andar de um pé só, andar de costas e etc. É importante que a criança consiga seguir comandos como:

- Coloque a bola em cima da mesa;
- Coloque o tênis em baixo da cadeira;
- Coloque o dado dentro da caixa;

Essas noções são importantes porque refletem a percepção do mundo pela criança e quando essa noção não está estruturada pode interferir na escrita como troca de letras, no traçado e em diversas situações da sua vida, até por onde deve começar uma conta. Por este motivo, temos que dar uma atenção especial caso a criança apresente uma questão significativa na noção espacial.

9ª Atividade: Sondagem de habilidade motora

Assim como a noção espacial, a habilidade motora nos diz muito mais sobre a criança, sua falta pode caracterizar um prejuízo ou atraso neurológico, por isso a importância de realizarmos a verificação cuidadosa. Para isso, utilizaremos atividades tradicionais simples como brincadeiras de mão (ex.: a-do-le-ta), de movimentação corporal (ex.: ordem-seu-lugar), resposta rápida de comando (ex.: vivo ou morto), habilidade manual (ex.: costurar, recortar, colar, dobrar, pinçar, pescar), controle manual com jogo (ex.: pega vareta, jenga, bolinha de gude) atividades esportivas (ex.: futebol, vôlei, basquete, tênis, handebol). Enfim, qualquer atividade que seja necessário um controle motor.

Vale lembrar, que cada criança tem um estágio de desenvolvimento e uma habilidade desenvolvida conforme a sua faixa etária. Isso deve ser considerado na observação e caso a criança esteja com um desenvolvimento abaixo do esperado e mesmo com intervenções não esteja apresentando melhoras, deve-se considerar a

avaliação de profissional especialista para este tipo de intervenção, até mesmo um neurologista, se for o caso.

10ª Atividade: Sondagem de competição e colaboração de grupo

Com as atividades de competição e colaboração de grupo podemos ter uma visão geral do aluno pelo fato de necessitar de várias habilidades para a prática de uma atividade.

Outro fator importante são as questões sociais, a forma que o aluno interage com o grupo, como se coloca, lida com conflitos é possível verificar por meio desse tipo de atividades.

Apesar de no ambiente escolar haver uma priorização na colaboração, os jogos competitivos podem trazer muitos benefícios aos alunos, faz com que aprendam solucionar conflitos, o que é uma condição necessária nos dias atuais.

As atividades possíveis para a sondagem são jogos como: cabo de guerra, queimada, jogos esportivos como os citados a cima, batalha naval, jogos de tabuleiro (dama, xadrez, ludo, etc.).

Como já dito, é por via das habilidades que iremos traçar o plano interventivo baseado no diagnóstico. Essas atividades citadas, não esgotam as possibilidades e pode ser que não nos dê a visão clara da causa da queixa inicial, assim, serão necessárias outras atividades ou variações destas para investigar questões mais específicas.

Como dito anteriormente essas atividades tem um objetivo diagnóstico, porém, muitas destas também já assumem um papel interventivo. Apesar disto, após a finalização do diagnóstico é necessário traçar um plano de ação para que as dificuldades de aprendizagem sejam trabalhadas e superadas.

51. INTERVENÇÕES CLÍNICAS (INDIVIDUAIS)

As intervenções clínicas são aquelas em que é necessário fazer um trabalho individualizado com a criança. Ainda se trata de um trabalho psicopedagógico

institucional, pelo fato do atendimento clínico por ser realizado individualmente com o aluno na instituição escolar.

É realizado esse tipo de trabalho, quando só o trabalho em sala de aula não se faz suficiente. Isso não significa que as atividades em sala devem ser interrompidas, pelo contrário, podem e devem continuar para auxiliar o trabalho individual, e na mediada que a criança for melhorando, sentirá vontade de participar mais do trabalho em grupo. Isso contribuirá com a melhoria de sua autoestima e será um facilitador para as mudanças.

Apesar da maioria das atividades citadas na intervenção diagnóstica poderem ser usadas na intervenção clínica, faremos novas sugestões para ampliar as possibilidades.

Na intervenção clínica é possível adotarmos um tema ou um conto e se utilizar dele para desenvolver várias atividades ou usar temas livres.

1ª Atividade: Concentração

Existe inúmeras atividades para desenvolver a concentração que seria possível escrever um novo estudo só com esse tema, porém elegi apenas a música. A música tem um efeito mágico nas pessoas trazendo à tona sentimentos apenas com a melodia. Músicas instrumentais podem nos remeter a alegrias, ao amor, medo, suspense.

Uma atividade que une sentimentos com concentração é com o uso de instrumentos de percussão com tambor, pandeiro, sino, chocalho etc. A realização é simples, coloca-se uma música e a criança deve tentar acompanhar o ritmo. No começo pode parecer bem difícil até mesmo para quem não possui dificuldade de aprendizagem, porém conforme for tentando e variando os instrumentos, a habilidade vai se desenvolvendo. Os instrumentos podem ser confeccionados nos atendimentos psicopedagógicos pela própria criança e depois realizar as atividades de concentração.

2ª Atividade: Equilíbrio

As atividades para trabalhar o equilíbrio também dependem da concentração e habilidade motora, porém podemos começar com algo simples como ficar de um pé só e ir aumentando o grau de dificuldade até a prática de *slackline* – esporte que consiste em andar sobre uma fita elástica.

Algumas sugestões para atividade que ajudam a desenvolver o equilíbrio são:

- Equilibrar uma bexiga nas costas da mão ou na cabeça;
- Equilibrar um cabo de vassoura com a mão;
- Andar sobre uma corda;
- Andar com uma colher na boca e na colher uma bolinha;
- Corrida de saco, pular com um saco nas pernas;
- Andar sobre latas;
- Pular amarelinha;
- Caminho das pedras: fazer um percurso com latas, cadeiras e objetos estreitos para o pé e pedir que caminhe sobre eles;

Em todas essas atividades também é possível trabalhar a motivação, sempre incentivando a criança a continuar. É importante levar o erro como algo natural e até engraçado, para que a criança não se sinta incapaz. Pode mostrar a criança que você tem dificuldade tentando quanto ela para realizar as tarefas, que todos temos alguma dificuldade, mas sempre podem ser superadas.

3ª Atividade: Aprender a questionar

O ato de perguntar exige autoconfiança e até coragem, pois muitas vezes a criança pode se sentir constrangida em perguntar e achar que é uma pergunta boba. Isso pode deixar a criança com dúvidas e como consequência, demorar mais tempo para aprender uma coisa que poderia ser resolvida com uma simples pergunta. Precisamos estar atentos para não rir ou banalizar uma pergunta, porque pode parecer simples e óbvio para um, mas para o outro não.

Uma dinâmica bem legal é brincar de jornalista. Consiste em criar um tema, por exemplo sua vida, e fazer um “ping-pong” de perguntas e respostas. A pergunta será rápida e a pessoa tem que responder rápido. O psicopedagogo pode começar fazendo

as perguntas para dar o modelo de como deve ser feito, depois faz a troca e a criança faz as perguntas, elogiando sempre que possível. É fundamental que fique claro para a criança que pode perguntar qualquer coisa dentro do tema escolhido: amizade, preferências, desenhos de televisão, músicas e etc. A ideia é perguntar e não ter resposta certa como as perguntas abaixo sobre o tema: **sua casa**.

- Qual a cor da sua casa?
- O que tem na cozinha?
- Qual a cor do banheiro?
- O que tem no seu quarto?

Enfim, perguntas aleatórias apenas com o objetivo de a criança perder a inibição de questionar e aguçar sua curiosidade, ao mesmo tempo, orientá-las que perguntando poderemos descobrir muitas coisas novas.

4ª Atividade: Aprender a procurar/ busca de autonomia

O mais comum na vida de uma criança é perguntar onde está algo, não que não saiba exatamente a procurar, mas sim porque as deixamos mal-acostumadas procurando ou fazendo as coisas por elas. Com um jogo de caça ao tesouro podemos mostrar a elas como procurar pode ser muito divertido. Este jogo consiste em esconder um tesouro (um brinquedo, um saquinho de balas, um doce e etc.) e confeccionar um mapa com pequenas missões e dicas para encontrar o tesouro escondido.

O espaço para realizar essa brincadeira pode ser grande ou pequeno, como uma simples sala de atendimento. O que está em jogo é procurar. É interessante que a criança tente fazer sozinha a busca, sem receber ajuda, afinal com isso também será trabalhado a autonomia. O ato de tentar sozinha e apesar de estar sob sua supervisão, o psicopedagogo não deve dar dicas, mas pode incentivar com expressões positivas quando estiver no caminho certo e expressões de dúvida se estiver errado. É claro que as crianças que apresentarem muitas dificuldades e não receberem nenhuma ajuda, acabarão se desmotivando. Então, se mesmo depois de muito incentivo a criança não conseguir seguir os passos, pode-se dar pequenas

ajudas até que alcancem seu objetivo, atuando na sua Zona de Desenvolvimento Proximal.

5ª Atividade: Aprender a cuidar

O ato de zelar é algo muito importante de ser trabalhado na primeira infância. É com base nisso que a criança será cuidadosa com suas coisas, com seus amigos, animais de estimação e até com sua família.

Plantar uma sementinha, além ensinar sobre as transformações da vida, fará com que ele cuide de uma vida. A preparação é bastante importante pois precisamos ensinar algumas condições básicas que aquela sementinha precisa para crescer, como água na medida certa, luz e um ambiente arejado. Como é algo demorado, pois não cresce na hora, estaremos também trabalhando a paciência. Podemos começar plantando a sementinha no algodão e depois que já estiver grandinha podemos transferir para um vaso com terra.

Comumente vemos crianças plantando feijão em atividade de ciência, podemos fazer o feijão, mas também podemos plantar uma semente de flor ou alguma planta que tenha um tempo de crescimento parecido com a do feijão, girassol, rabanete, batata e etc.

É interessante que a criança leve para casa, assim o ato de cuidar seria real, mesmo que a planta morra, poderia começar de novo o plantio e verificar quais foram os erros cometidos que não contribuiu para a planta crescer. Caso não seja possível levar, o psicopedagogo pode contribuir com o cuidado da planta, porém como os atendimentos são realizados na escola, a criança deve assumir o cuidado no período de sua permanência na escola, cinco minutos já são suficientes para regar a planta e colocar no sol. Caso seja necessário, o psicopedagogo, pode contribuir cuidando da planta caso a criança não consiga por algum motivo.

6ª Atividade: autoestima

A questão da autoestima é um fator primordial para a aprendizagem, se a criança tem a autoestima rebaixada, provavelmente apresentará dificuldade de

aprendizagem, inúmeros fatores podem contribuir para isso, como por exemplo a criança sofrer bullying.

Nesse caminho um álbum de fotos tem uma função reveladora, fará com que a criança se veja de forma diferente. A produção do álbum pode ser feita de fotos tiradas ao longo dos encontros e em um dia especial levar tecidos, flores, brinquedos e objetos que a criança goste para fazer montagens de fotos. Se menina, pode arrumar o cabelo, passar batom, levar um colar, tira de cabelo, enfeites femininos. Se menino, pode levar um boné ou gel para passar no cabelo, óculos escuros, bola de futebol e um escudo do seu time favorito.

Com os objetos, ir fazendo poses e tirando as fotos, no encontro seguinte trazer as fotos e com papéis coloridos montar um álbum de fotos. A criança também pode trazer uma foto de quando era bebê e uma foto da família para compor o álbum. Para finalizar, pode escrever uma frase que descreva cada foto, ou um sentimento que aquela foto lhe desperte. Quando a criança terminar provavelmente ficará muito orgulhosa pela construção que fez e sentirá confiante de mostrar o álbum para seus familiares.

Pode ser que no início, sinta-se envergonhado para tirar as fotos, mas como em todos os trabalhos, com incentivos e motivação, a criança vai se soltando. Também é importante que faça a escolhas de quais fotos quer que coloque no álbum e como deve ser organizada. Quando finalizar deve levar embora.

7ª Atividade: Habilidades de reconhecer sentimento

Reconhecer sentimentos é uma habilidade que atualmente nem mesmo alguns adultos possuem, mas é de extrema importância para uma vida em sociedade. A empatia, habilidade de se colocar no lugar do outro, vem atrelada ao reconhecimento dos sentimentos e é com base nisso que essa atividade atua.

O primeiro passo é fazer uma lista de sentimentos que a criança conhece, depois pensar situações que desperte esses sentimentos. Podemos fazer recorte de imagens que represente essas situações e esses sentimentos. Para finalizar pode ser confeccionada uma máscara que represente cada sentimento. Depois de prontas, o psicopedagogo deve falar algumas situações, entre elas as que envolve aprendizagem e a queixa que trouxe a criança para o atendimento. Diante de cada

situação a criança irá colar a máscara e explicar o porquê ela escolheu aquela máscara. Provavelmente isso desencadeará sentimentos e devemos estar preparados caso a criança chore. Precisamos ter sensibilidade para ouvir o que a criança tem a dizer, provavelmente ela nos dará pistas importantes para entendermos o que está atrapalhando essa criança.

Para encerrar o encontro é interessante falar situações engraçadas que tirem o peso das emoções que surgiram. Caso perceba que a criança quer se expressar, mas não consegue, pode pedir para que faça um desenho, se é uma criança mais velha, pode escrever uma história sobre o que está sentindo. Nos minutos finais, pode-se fazer alongamentos para relaxar os músculos e diminuir a tensão.

8ª Atividade: Habilidades de escrita

Para verificar a habilidade de escrita em crianças pequenas, um ótimo recurso são letras móveis. Devemos começar como o nome da criança e com palavras que ela queira escrever sozinha. De forma sutil, partimos das palavras escrita pela criança e podemos ir modificando uma letra ou sílaba para verificar se a criança consegue ler. Para complementar a verificação da escrita, quando a criança acertar a formação correta da palavra, pode-se pedir que escreva em uma folha, com isso, poderá avaliar sua letra e habilidade de escrever nas linhas.

Em crianças maiores onde já existe uma escrita fluente (ou deveria existir) pode-se aplicar uma das atividades de desenho acima ou dar um tema para que façam um desenho e depois escrevam uma história.

Para avaliar a fluência de ideias em adolescente, pode fazer a leitura de uma notícia com um tema juvenil e pedir que escreva a sua opinião sobre aquele tema.

9ª Atividade: Habilidade de cálculos

A habilidade de realizar cálculos, depende necessariamente da destreza de conservação. Só é possível, somar, subtrair multiplicar e dividir um número se o indivíduo conservar outro. Assim como na leitura espera-se que cada fase da vida da criança ela tenha uma habilidade.

Para os cálculos de soma e subtração podemos avaliar a habilidade do aluno usando tampinhas de garrafa ou palitos de sorvete. Podemos estruturar a conta em cartazes ou em uma lousa e orientar que tente resolver usando as tampinhas e os palitos, com isso ficará mais fácil compreender a ideia de juntar ou retirar quantidades.

Para a compreensão do conceito de multiplicação e divisão podemos usar cestas e balas e ir fazendo as operações com um material concreto. Como colocar cinco balas em sete cesta e terá um total de trinta e cinco balas. A mesma ideia pode ser usada na divisão, ter que dividir trinta e duas balas em quatro cesta e verificar que cada cesta ficou com oito balas.

Como o conhecimento da tabuada é fundamental para resolver muitas contas é possível fazer um jogo para trabalhar essa habilidade. Esse jogo consiste em dois grupos de cartas: um de perguntas (tabuada de 1 a 10) e outro com as repostas. As cartas de perguntas ficam em um monte com a pergunta virado para baixo e as de repostas todas sobre a mesa com a resposta voltada para cima. O jogador tira uma carta e deve encontrar a resposta correta. Se ele errar deve devolver as cartas, se acertar fica com as duas cartas. Quando acabar todas as cartas e vence o jogo quem conseguir a maior soma de cartas.

10ª Atividade: Autoavaliação

O trabalho de auto avaliação pode ser feito no fim de um acompanhamento psicopedagógico ou quando uma etapa do processo é concluída. Tem o objetivo de verificar os percursos percorridos, as dificuldades encontradas e os aprendizados conquistados. Pode ser feito de muitas formas, uma delas em uma folha comprida traça uma linha do tempo. No ponto inicial a queixa e as principais dificuldade da criança e um desenho de um saco ou mala com algumas coisas dentro representando os conhecimentos eu já tinha. Ao longo do caminho postos de conhecimento, ou seja, atendimento que represente o que conseguiu aprender. A cada ponto que passa a bagagem vai recebendo novos itens. No final do percurso um caminho que continua e os conhecimentos conquistados. É interessante que a criança perceba que ao longo do caminho dela o aprendizado continuará em várias situações de sua vida e que a persistência e a dedicação são muito importantes em sua jornada, que mesmo que surja novas dificuldade nunca deve desistir de aprender, nem dos seus sonhos.

5.2. INTERVENÇÕES INSTITUCIONAIS (GRUPO E INDIVIDUAL)

O trabalho de grupo sempre apresenta uma dinâmica diferente do trabalho individual, em alguns casos pode ser que haja uma disputa entre os membros do grupo, como pode ser que haja uma cumplicidade. Um grupo nunca será igual ao outro e apresentará características próprias. Como mediador, o psicopedagogo tem a tarefa de formar uma equipe de apoio mútuo. Segundo afirma Pichon é importante que se trabalhe o vínculo do grupo e que todos sintam-se parte do processo.

1ª Atividade: Caixa de desejos⁵

No trabalho em grupo devemos ver todos como um só, não apenas a queixa de um, mas a queixa do grupo, ou seja, a queixa individual de cada um, forma a queixa do grupo e para descobrirmos quais são seus sonhos e desejos podemos construir juntos uma caixa de desejos. O Psicopedagogo pode levar uma caixa, que pode ser uma caixa de sapato, e revistas. O grupo deve recortar imagens e palavras que representem seus sonhos, juntos devem ir colando por dentro e por fora seus recortes. No final podem escrever uma carta para eles mesmos dando dicas do que podem fazer para alcançar seus sonhos.

Essa caixa deve ser guardada pelo psicopedagogo e ser mostrada ao grupo no final dos atendimentos, ou no final do ano. Ou seja, em um momento importante para resgatar as lembranças do grupo. A abertura da caixa pode ser feita com uma música que represente o grupo, ou uma música escolhida por eles no dia da montagem da caixa.

O objetivo dessa atividade é traçar uma meta, fazer planos para o futuro e na abertura reviver esses planos e verificar quais foram alcançados, na leitura da carta refletir se seguiram os seus conselhos ou não e, porquê.

2ª Atividade: Se doar ao outro

⁵ Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pelas professoras Vera Ferretti e Marilda Almeida.

Em um grupo é muito importante a troca de sentimentos e carinho, por algum motivo cada membro está lá para receber algo, mas é importante que se doe de alguma forma. Um grupo só se torna forte se houver cumplicidade e troca entre eles.

Uma boa forma de exercitarmos essa troca é com uma técnica de massagem com uma bolinha de tênis⁶. A bolinha evita o contato manual, que pode gerar constrangimento, porém acontece a troca.

Sempre antes de realizar uma técnica em grupo é interessante realizar um aquecimento. Como usaremos a bolinha de tênis na massagem, aproveitaremos a mesma bolinha para o aquecimento. Para iniciar dê uma bolinha para cada integrante do grupo e coloque uma música não muito lenta e nem muito agitada. Peça que façam o que quiser com a bolinha no ritmo da música, conforme forem se soltando, vá alterando o ritmo da música para mais lenta e mais agitada. Peça para que joguem um para o outro e vão brincando até perceber que estão tranquilos e a vontade com o uso da bolinha. Após solicitem que se separem em duplas ou trios. Será importante o uso de colchonetes: um deve deitar no colchonete e o outro fazer a massagem. Depois haverá uma troca de posições.

A massagem deve ser feita com duas bolinhas e sempre em movimento circulares e sem fazer muita pressão. Quem está fazendo a massagem deve questionar se a pressão está confortável, se não estiver, deve ajustar para que fique. Primeiro faz na parte da frente da pessoa e depois na parte de traz. Inicia-se a massagem frontal na ordem: pés, tornozelos, canelas, joelhos, coxa, quadril, barriga, abdome, ombros, braços, mãos, pesco, rosto, testa e cabeça. Na massagem posterior na ordem: pés, tornozelos, panturrilhas, coxas, quadril, costas, braços, mãos, nuca e cabeça. Em caso de adolescentes ou pessoas que se sintam constrangidas em tocar o outro é possível que faça um automassagem.

Quando terminar, quem recebeu a massagem deve esperar alguns minutos para levantar lentamente. Assim devesse trocar as posições e quem estava recebendo a massagem deve fazê-la.

Para finalizar, cada um deve contar como foi receber e fazer a massagem, se gostou ou não, qual região do corpo gostou mais e a que gostou menos gostou. É importante lembrar que nem sempre todos gostam de receber massagem, pode ser

⁶ Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pelas professoras Vera Ferretti e Marilda Almeida.

que se sinta constrangido. Para evitar problemas em um grupo misto, pode deixar as meninas com as meninas e os meninos com os meninos. No caso de alguém se recusar, deve ser respeitado. Esse tipo de massagem deve ser aplicado quando o grupo já se conhece a um certo tempo, nunca no início dos atendimentos para evitar constrangimentos.

3ª Atividade: Relações de grupo⁷

Para fortalecer as relações é interessante dar voz aos integrantes do grupo. Porém, devemos ir com calma para não resultar no efeito contrário. Para isso podemos escrever em pedaços de papéis algumas palavras que representem qualidades. Deve ter o número a maior que de participantes e podem ser colocados barbantes para que possam pendurar no pescoço. Palavras como: divertido, carinhoso, amigo, colaborador, organizado, prestativo, inteligente, legal e etc.

A dinâmica consiste em um participante do grupo pegar uma palavra e dar a uma pessoa de acordo com quem merece aquela qualidade. O que recebeu deve escolher outra palavra e entregar a outra pessoa. A escolha deve ser feita segundo quem tem a qualidade escrita no papel e não em que precisa desenvolver. Quando todos estiverem com suas palavras devem dizer como foi receber aquela palavra, que sentimentos lhe despertou em receber do grupo aquela qualidade.

O objetivo além de estreitar as relações é melhorar a autoestima, e observar que as pessoas podem te admirar porque tem boas qualidades.

4ª Atividade: Empatia

Desenvolver a empatia de pessoas não é uma tarefa fácil, afinal ela está associada a cultura de cada um e a forma que a família daquela pessoa se relaciona. No entanto, é uma condição importante para um grupo, pois se colocar no lugar do

⁷ Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pela professora Georgia Vassimon.

outro é o que faz um grupo evoluir, pois respeitarão as dificuldades de cada um e sendo empáticos, a superação das dificuldades será favorecida.

Uma forma interessante de promover isso é com conceitos da representação dramática. O tema pode ser livre ou direcionado pelo psicopedagogo. Se direcionado, deve estar relacionado com a realidade do grupo e preferencialmente, deve haver um problema que eles precisam resolver, por exemplo, uma menina com gravidez precoce que precisa encontrar uma forma de contar aos pais e que eles aceitem. O ideal é que seja realizado com crianças a cima dos 8 anos.

O grupo pode ser dividido em pequenos grupos e cada um recebe um tema, eles devem se organizar em como será a cena, quem irá representar cada personagem e qual será o roteiro. Dá-se a eles um tempo para se organizarem e depois devem apresentar sua cena.

No final, cada grupo diz como foi realizar o planejamento e apresentar a cena. Depois os outros grupos devem dizer o que acharam do tema e o que acharam da apresentação de cada grupo.

É interessante que todos reconheçam suas dificuldades e as dos outros. Percebam também que todos estavam na mesma situação, que unidos e ajudando uns aos outros conseguiram cumprir a tarefa.

Outra coisa importante é eles pensarem a cena vivida como se fosse deles. É importante refletirem se a cena os ajudou a pensarem sobre o problema e a se colocarem no lugar de pessoas que passam por problemas parecidos.

Para finalizar eles podem formar uma roda e de mãos dadas, dizer uma frase de agradecimento ao grupo. *“Obrigado (a) por...”*.

5ª Atividade: Cooperação⁸

A cooperação é uma ação importante que deve estar presente no grupo. Porém, é nos momentos de estresse que verificamos se realmente essa ação existe. Para verificarmos e promovermos uma reflexão sobre a cooperação podemos realizar uma dinâmica bem simples.

⁸ Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pela professora Vera Marcia Pina.

Colocamos uma música animada e pedimos para que andem ou dançam pelo ambiente de forma aleatória. Em um certo momento para a música e todos devem ficar no local que estão e fechar os olhos. Com um elástico de espessura média vamos traçando um caminho seguindo a ordem alfabética dos nomes dos integrantes do grupo, por exemplo, a primeira pessoa da lista segura a ponta do elástico e a segunda o próximo pedaço e assim sucessivamente até chegar ao último, só quando terminar que podem abrir os olhos. Ao abrirem os olhos, o elástico estará todo embaraçado e eles devem criar uma forma de desembaraçar. A regra é que não pode soltar o elástico, mas podem passar por baixo ou por cima até o fio ficar esticado e todos alinhados em ordem alfabética.

Quando terminar devem falar como foi a experiência, se todos ajudaram ou não, o que aconteceu no começo e o que contribuiu para que conseguissem realizar a tarefa. Se houver algum desentendimento, deve fazê-los pensar na importância da cooperação e o que cada um poderia fazer para cooperar mais com o grupo.

Para finalizar cada um deve dizer uma palavra para representar o aprendizado que tiveram com aquela atividade.

6ª Atividade: Família⁹

Falar de família sempre mexe com as emoções e nem sempre elas são boas, mas é algo importante para todos. Com isso, é possível reviver ou se libertar de sentimentos guardados há muito tempo.

Para realizar esse trabalho será necessário que cada um traga uma foto de família ou uma foto de pessoas que são especiais para ele.

O trabalho deve começar com cada um mostrando sua foto e tentar recordar a situação que gerou aquela foto, quais as pessoas que estão na foto e porque escolheu aquela foto. Depois cada um irá dizer o que mais gosta na sua família (ou das pessoas da foto) e o que menos gosta. Depois que todos falarem devem contar uma situação engraçada que aconteceu com a sua família, pode ser de algo que aconteceu há muito tempo ou recentemente.

⁹ Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pela professora Georgia Vassimon.

No final, cada um pode conta como foi conhecer a família do outro e como foi perceber que apesar dos problemas, todas ou quase todas famílias vivem situações engraçadas. Deve ser respeitado se alguém não quiser participar.

7ª Atividade: Painel coletivo¹⁰

O painel coletivo é boa forma de criar um trabalho coletivo que represente o grupo. Essa atividade é feita em uma faixa de papel Kraft. Como vem em rolo, deve separar um pedaço que seja suficiente para todo o grupo ocupar pelo menos um pequeno pedaço. Deve fornecer a eles um tipo de material, pode ser lápis de cor, giz de cera, tinta guache ou outro tipo de matéria. Pode se colocar uma música e pedir para que desenhem livremente. Após um tempo pedir que troquem de lugar e continuem desenhando livremente. Essa troca pode ser feita algumas vezes até que perceba que a folha está completamente preenchida com desenhos.

Depois que terminarem, peça que se afastem e vejam o que criaram. Todos podem contar como a experiência de fazer juntos e perceber que outras pessoas interferiram no seu desenho.

O objetivo é ter uma produção coletiva, que pode ser colocada no ambiente que frequentam ou ser guardado por um membro e agendarem uma data para vê-lo novamente.

8ª Atividade: Forma aos sentimentos¹¹

Por mais que não pareça ou muita gente pense que não seja necessário, os sentimentos são de suma importância para o aprendizado. Trabalhando os sentimentos podemos nos fortalecer ou no libertar de sentimentos que atrapalham nosso aprendizado.

Uma atividade interessante é de dar forma aos sentimentos. Para isso será necessária argila. Para começar coloque uma música suave e solicite que andem e

¹⁰ Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pelas professoras Vera Ferretti e Marilda Almeida.

¹¹ Também ministrada pelas professoras Vera Ferretti e Marilda Almeida.

pensem em sentimentos que tem tido nos últimos tempos. Pode ser sentimentos bons ou ruim. Pensem em situações que tem provocado esses sentimentos. Após alguns minutos, distribua argila e peça para que deem forma aquele sentimento. Deve dar um tempo para que em silêncio todos criem, a música deve continuar. Depois cada um deve mostrar a forma que criou, dizer que sentimento representa e a situações que costuma sentir aquele sentimento.

Em um outro encontro, quando a escultura já estiver seca, pode dar continuidade ao trabalho e solicitar que pinte sua escultura. Depois todos podem ajudar cada membro a pensar o que aquela figura parece e dar um nome. No final do encontro, todos podem levar para casa suas criações.

9ª Atividade: Vínculo¹²

Sabemos que mesmo em grupos que passam muito tempo juntos, o fortalecimento do vínculo não acontece, mas para que o grupo funcione bem é importante trabalhar o vínculo. Para isso podemos fazer uma dinâmica chamada: Ele é assim...

Para isso o grupo deve ser separado em duplas e um deve dizer ao outro quem são, seus gostos, suas preferências. É interessante fazer uma lista de perguntas que seja entregue a todos, porém deve ser uma lista grande e não pode ser anotado a resposta.

Depois uma pessoa irá apresentar o outro para a turma segundo as respostas dadas. Quando acabar o dono das respostas irá dizer se a apresentação ficou boa ou não. É claro que sairão muitas respostas erradas. Mas a ideia é conhecer um pouco mais o outro e o interessante é que as pessoas mais próximas não fiquem juntas, para possibilitar novas descobertas e ampliar o vínculo do grupo.

¹² Atividade apresentada no curso de psicopedagogia do Instituto Sedes, ministrada pela professora Georgia Vassimon.

10ª Atividade: Encerramento

Encerrar um grupo de qualquer natureza não é nada fácil nem para os participantes, nem para o psicopedagogo. Por menor que seja, sempre há um vínculo, histórias vividas, novas amizades, novas experiências e nos tornamos uma nova pessoa pelo fato da relação dialética que existe em qualquer grupo, em outras palavras, mas ainda sim seguindo a teoria de Vygotsky, o indivíduo constituiu o grupo, assim como o grupo constitui o indivíduo.

Diante disto, jamais voltaremos a ser o que éramos quando iniciamos o trabalho de grupo, para ilustrar essa ideia podemos usar uma dinâmica da folha de papel. Com o grupo em círculo, dá-se uma folha de papel e pede-se para que a amassem o máximo que puderem. Depois pedimos que abram a folha e tentem esticá-la novamente como era anteriormente. Será impossível, assim como a folha, depois que passamos por uma experiência jamais voltamos a ser os mesmos. Temos novas marcas, novas experiências e uma nova forma de ser.

Para encerrar, damos uma nova folha e pedimos que dobrem ao meio, na parte de fora cada um escreve seu nome, ainda em círculo, damos nossa folha a quem está a nossa direita. Cada pessoa irá receber aquela folha deve escrever uma palavra ou uma frase sobre aquela pessoa que tem o nome. Após a folha dar uma volta completa pelo grupo e voltar para a sua mão. Um a um lê em voz alto o que os outros escreveram sobre ele. Como se trata de uma despedida, com essa dinâmica, todos levam uma lembrança do grupo.

Nesse momento cada um pode dar seu depoimento de como foi participar do grupo, do que esperara e se sua expectativa se concretizou. E o mais importante: qual foi a mudança mais importante que aconteceu com você?

Com toda certeza é possível realizar uma infinidade de atividades no atendimento psicopedagógico. Essas são apenas algumas sugestões com base em alguns assuntos e conceitos que costumam entrar em pauta no trabalho psicopedagógico. Além disso, todas as atividades podem ser adaptadas ou sofrerem variações conforme a necessidade do indivíduo ou do grupo assistido.

5.3. PROJETO DE LEITURA

A realização de um projeto de leitura é fundamental na formação de um leitor, pois propicia o uso de diferentes linguagens e diferentes textos e pode-se dar voz às crianças, permitindo que elas exteriorizassem as suas ideias. Serve também para ajudar no ensino que se torna menos fragmentado e os conteúdos vão entrando de acordo com a demanda e o interesse da classe. O planejamento não é tão rígido, mas procura criar situações em que o ler e o escrever se tornem reais e significativos e não um mero exercício de aprender.

Nesse sentido, encontramos na dissertação “Emoções e escrita: fios que se unem numa mesma trama” a seguinte observação que, segundo a autora, tem criado espaços para o surgimento das dificuldades em leitura:

... quando a escola enfatiza o ensino de palavras isoladas, fora de um contexto significativo, está impedindo o desenvolvimento do leitor. A decodificação, ênfase que é normalmente dada a palavras isoladas, independentemente do seu significado, impede o desenvolvimento do leitor e, além de criar uma linguagem artificial, provoca no aluno a impressão de que a escrita é uma transcrição da fala. (ALEXANDROFF, 1998, p 28 e29)

Portanto, torna-se importante destacarmos alguns pontos relativos à questão da leitura.

5.3.1 Preparação e motivação para a leitura

Uma boa leitura começa com incentivo de outros leitores. Nesse processo o professor é um grande incentivador, pois em sala de aula, muitas vezes, é onde que acontece o primeiro contato das crianças com o livro. Com isso, o professor possui uma grande missão: despertar nos alunos a curiosidade em ler e conhecer novos mundo imaginários.

Para início de conversão é importante que o professor pergunte aos alunos o que eles acham da capa, sobre o que a acham que aquele livro fala, o que as cores escolhidas nos dão de imposte sobre o livro. Depois, é possível ir mostrando as páginas internas sem ler e questionando sobre as imagens as palavras em destaques que podem aparecer.

É possível fazer uma lista de suposições que acham que tem no texto, escrever na lousa ou em um cartaz para que depois faça-se a verificação se as ideias estão corretas ou não.

Ao iniciar a leitura é muito importante fazer a leitura completa da capa incluindo autor, ilustrador (se houver), editora, ano de publicação e a nota sobre o leitor ou prefácio. Questionar se alguém já leu algum livro do autor citado ou editora. Para encerrar essa primeira parte, realizar a leitura da contracapa com a sinopse do livro.

Antes de começar a leitura de fato é possível pedir para que um ou alguns alunos faça uma “leitura do livro”, mesmo que não saibam ler, podem ir contando a história conforme as imagens apresentadas e suposições sobre o livro.

Após toda essa conversa, estão preparados para o início da leitura que deve ser feita em alto e bom som, como entonações diferentes, principalmente nas falas dos personagens. O leitor, que neste caso é o professor, deve ir mostrando as imagens conforme anda a história com a finalidade criar imagens mentais nos alunos e realizar pausas estratégicas, para ritmo a história como o suspense, despertando nos ouvintes a expectativa do que está por vir. Sugiro que o professor leia a história antes, para se preparar para a contação de histórias, assim, se sentirá mais seguro para as pausas estratégicas. Nesse momento pode-se esperar algumas reações das crianças como completar a fala, narrar a próxima cena ou simplesmente

5.3.2. Exploração da leitura ¹³

A exploração da leitura é o processo que ajudará as crianças na compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido. Deste modo cabe ao leitor (professor, psicopedagogo ou educador) fazer algumas perguntas para que facilite a compreensão da leitura e empregue sentido ao texto. O objetivo dessas questões é ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Esses questionamentos são uma ótima estratégia didática para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível da autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de

¹³ Sugestões foram tiradas do livro Sem brincadeira! - Henrique Félix da Editora positivo.

fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária. Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, entre tantas outras, estas questões:

- “O texto foi entendido com facilidade ou não? ”;
- “Existem palavras que geraram dúvidas? ”;
- “Os parágrafos são curtos ou longos? ”;
- “O que aconteceu no início da história? ”;
- “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”

É possível também realiza uma alise dos sinais de pontuação como ponto-final, vírgula, ponto-exclamação e de interrogação, abrir um diálogo sobre a importância de cada um e o efeito que eles causam no texto lídio. Há a possibilidade também, em um outro momento, reescrever alguns trechos e “brincar” com a posição dos sinais e verificar a mudança de sentido nas frases. Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem). Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Para ampliar a análise alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, entre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.). Para explorar o espaço pode-se chamar a atenção dos alunos para palavras e expressões que favoreçam a construção de imagens mentais do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundos inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas. O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da

história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente. As características dos personagens podem ser reconhecidas com a exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas:

- “Que papel eles desempenham na história? ”;
- “Gostam de brincar? ”;
- “São falantes, calados, alegres, solitários? ”;
- “Vão à escola? ”;
- “Têm amigos? ”;
- “O que sentem? ”;
- “O que pensam? ”;
- “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”.

Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que o professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto. Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, o professor deve orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas e ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para se obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo. Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa – o texto feito para o teatro

também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado – e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações. Se o texto for não verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastel, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como:

- “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro? ”;
- “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”;
- “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”;
- “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”

5.3.3. Expansão da leitura¹⁴

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona no contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas. Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionar o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão,

¹⁴ Sugestões foram tiradas do livro Sem brincadeira! – Henrique Félix das Editora positivo.

como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos, etc. No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros. É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido e afins. Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, o qual deve ser sempre o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

Aqui temos um exemplo de projeto:

Título do projeto

Criação de fantoches e representação do livro: *Uma Ratinha apaixonada*.

Público alvo

Alunos de 2º a 5 ano do Ensino Fundamental I. Os alunos precisam estar minimamente na fase silábica de leitura.

Justificativa

Este projeto se justifica por possibilitar aos alunos entrar em contato com a leitura e escrita de uma forma lúdica, sem uma obrigatoriedade acadêmica. Sob a orientação do professor deverão produzir um fantoche e encenar a história que lhes será direcionada.

Paralelamente será realizado a construção dos fantoches e cenário para acessarmos as questões lúdicas e artísticas.

O facilitador será trabalharmos com um livro divertido que está estruturado com um texto teatral, com cenas e diálogos de cada personagem.

Propósito psicopedagógico

O propósito primário é promover a ampliação do repertório de tipos de texto. Este projeto pretende também trabalhar as questões emocionais e socializadoras, contribuindo para que eles se sintam estimulados a montar a apresentação teatral representada no livro. Na criação dos fantoches terão que observar as características dos personagens apresentado no livro dar “vida” a eles, aproximando-os da história.

Propósito comunicativo

Este projeto favorecerá que os alunos se comuniquem para ensaiar, criar o cenário, um cartaz de divulgação e a apresentação em si.

Destinatário

Com a finalização dos fantoches e elementos necessários para a apresentação, poderá ser realizado no colégio uma amostra teatral aos outros alunos do colégio.

Duração do projeto

Inicialmente o tempo estimado para a realização do projeto é de 6 dias, que podem ser em dias corridos ou alternados, desde a leitura inicial sobre o projeto até a apresentação final.

Certamente este projeto pode ser explorado em muitos outros aspectos e pode ser expandido por um longo período, principalmente se realizada uma análise detalhada da história.

Cronograma

1º dia:

- Apresentação do livro: capa, autor, ilustrações, editora, ano de publicação e etc.
- Leitura coletiva;
- Conversa sobre os fatos que acontecem na história;
- Levantamento das características dos personagens;
- Escolha dos papéis dos alunos: personagens, responsáveis pela escrita do texto, diretor, responsáveis pelos registros visuais, responsáveis pela sonoplastia, responsáveis pelo cenário e responsável pela divulgação.

2º dia e 3º dia:

- Construção dos personagens;
- Construção do cenário;
- Construção pelo material de divulgação;
- Escolha das músicas;

4º e 5º dia:

- Ensaio da apresentação e realização da divulgação (colagem do cartaz)

6º dia:

- Apresentação do teatro de fantoches.

Pesquisas

Para a realização do projeto será necessário pesquisar as características dos personagens, buscar matérias para a confecção dos fantoches, do cenário, escolha das músicas e do cartaz para a divulgação.

Será necessário também fazer um levantamento de acontecimentos praticados pelos personagens da história e construir um cenário que se adapte a maioria das partes das cenas.

Isso possibilitará a reflexões dos materiais e cores adequadas, a importância de seguir algumas características que atraiam a atenção do público. O professor será o mediador e terá o papel de fazê-los pensar nos detalhes para que se mantenham o mais próximo do real e despertando o interesse dos próprios alunos de realizarem a peça, como a de outros alunos para assistirem à peça e incentivá-los a também realizar a leitura do livro

Registro do projeto

O registro preparação e realização do projeto poderá ser feita por meio de fotos e anotações. A apresentação do teatro de fantoches poderá ser filmada e disponibilizada no site do colégio ou entregue uma cópia em DVD para cada aluno participante.

Apresentação

Livro: Uma Ratinha apaixonada

Personagens/fantoches: 10 personagens

Cenário: criação de um cenário e palco para apresentação do fantoche

Cartaz: cartaz com a divulgação da peça, com data, horário e uma pequena sinopse da história

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi baseado na minha atual prática profissional, que se trata de uma orientação educacional dentro da instituição escola. O que me inspirou a escrever foi sentir a necessidade de encontrar algo escrito nesses moldes, de orientações e sugestões de atividades. Não que não haja, mas gostaria que tivesse mais.

Confesso que foi mais difícil realizar esse estudo do que eu imaginava, mesmo se tratando de um assunto que faz parte da minha realidade diária e pelo fato de eu já as realizava a algum tempo (alguns anos), e já não sabia mais separar todas as teorias que técnicas de utilizava, afinal eu já havia me apropriado delas, os conceitos e estudos já pertenciam a mim, então tive que reler e estudar muitas coisas novamente.

Apesar disto, com esse estudo pude rever e renovar conceitos. Ler diante da prática me trouxe uma visão mais aberta e esclarecimentos que, talvez, em uma leitura sem esse propósito não me trouxesse tamanha clareza.

Não tenho a ilusão de esgotar o tema, pois sei que é amplo e se renova constantemente, assim como todo aprender, mas quero provocar nos leitores o despertar de um olhar novo para a realidade em que se encontram, que este estudo possa movê-los de alguma forma e fazê-los buscar mais informações, mais técnicas, mais formas de promover o aprendizado, seja ele qual for possível e necessário.

Com isso, posso concluir de o trabalho do psicopedagogo nas instituições escolares é muito importante tanto para o aluno, quanto para o professor. Acredito que o professor, quando tem um apoio do psicopedagogo acaba se sentindo zelado em seu trabalho, que tem alguém ali que irá entender suas dificuldades e limitações e que está ali para lhe ajudar. Isso faz com que todos se sintam apoiados e confiantes. De forma alguma, quero passar a ideia de que o psicopedagogo é onipotente ou dono da verdade, mas é alguém que está disposto a ajudar. Disposto a buscar alternativas para auxiliar todos na aprendizagem. Disposto a remover rótulos e ajudar a superar obstáculos, a trabalhar lado a lado com a equipe técnica e docente.

Acredito que o papel do psicopedagogo na instituição escolar é ajudar que a aprendizagem seja leve e fazer com que todos percebam que aprendemos a todo momento e essa não precisa ser metódica ou rigorosa. A aprendizagem pode ser muito divertida.

Penso que se todas as instituições de ensino deveriam ter um psicopedagogo devido a importância da reflexão na aprendizagem. Mesmo que o psicopedagogo não atue com o grupo de aluno em sala de aula, ele poderá atuar com o corpo docente. A orientação dada a um professor diante de uma queixa, poderá elucidar outros professores em situações parecidas, promovendo assim, uma ação preventiva, pois o professor estará atendendo aos primeiros indícios de dificuldade e já poderá intervir de forma rápida antes mesmo que o problema se instale.

Gosto de pensar que isso é a “saúde educacional”, não que a dificuldade ou problema da aprendizagem seja uma doença, mas quando não há dificuldades ou são solucionadas rapidamente se cria uma sensação de bem-estar a todos.

Essa ideia vai ao encontro a toda a graduação em psicologia como a especialização em psicopedagogia, ambas buscam o bem-estar social e isso se dá nas relações, construções de saberes e parcerias construídas nas intuições, seja escolares ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ALEXANDROFF, Marlene C. **Emoção e escrita: fios que se unem numa mesma trama**. Dissertação de mestrado. São Paulo, _FEUSP, 1998.

BASSEDAS, E. HUNGUET, T. MARRODÁN, M. *et al.* **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 1996.

BASSEDAS, E. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 1996.

BLEGER, J. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Tradução: Diehl, E. O. – Porto Alegre: Artmed, 1984.

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. Tradução: Moraes, R. M. M. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CORMAN, Louis. **O teste do desenho da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FAGALI, E. Q. **Psicopedagogia Institucional Aplicada: a aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula**. 9ª ed. – Petrópolis/ RJ: Vozes, 2008.

FÉLIX, H. **Sem brincadeira!** Porto Alegre: Psitivo, 2009.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

MACEDO, R. M. **Psicologia e instituição: novas formas de atendimento**. – São Paulo: Cortez, 1984.

MASINI, E. F. S. **O Psicopedagogo na escola**. São Paulo: Cortez, 2015.

MIRANDA, M. I. **Problema de aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar**. – São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, M. A. C. **Intervenção psicopedagógica na escola**. 2.ed. – Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.

PORTO, O. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST. Paracambi, 2007.

SÁNCHEZ, J. N. G. **Dificuldades de Aprendizagem e intervenção Psicopedagógica**. Tradução: ERNANI, R. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANCHEZ-CANO, M. BONALS, J. e colaboradores. **Avaliação psicopedagógica**; tradução MURAD, F. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

VISCA, Jorge. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua interpretação**. 1ª edição - Bueno Aires: Visca & Visca, 2008.

Acesso: 24/09/2016 <http://tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>
<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/doencas/discalculia.htm>
<http://www.centropsicopedagogicoapoio.com.br/o-que-e-dislalia/>
<http://www.centropsicopedagogicoapoio.com.br/o-que-e-disortografia/>

Acesso: 30/09/2016 <http://elisapitombo.blogspot.com.br/search?updated-min=2008-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2009-01-01T00:00:00-08:00&max-results=8>

Acesso: 02/05/2017
<http://www2.editorapositivo.com.br/zepelim/colecoes/fiopavio/livros/sembrincadeira/ropostadetrabalho.pdf>